

ENTRE TRAJETÓRIAS E "ESCREVIVÊNCIAS":

 **A** EJA



CRISTINA FERREIRA DA SILVA
JOSÉ MÁRIO BISPO GONÇALVES JÚNIOR



ENTRE TRAJETÓRIAS E
"ESCREVIVÊNCIA":



CRISTINA FERREIRA DA SILVA
JOSÉ MÁRIO BISPO GONÇALVES JÚNIOR

ENTRE TRAJETÓRIAS E
"ESCREVIVÊNCIA":



Feira de Santana - Bahia

2024

Copyright © 2024 by Cristina Ferreira da Silva e José Mário Bispo Gonçalves Júnior

Projeto gráfico e Editoração eletrônica: *Editora Zarte*

Capa: *José Mário Bispo Gonçalves Júnior*

Fotografia: *Luzielma Moura Carvalho*

Revisão textual: *Os autores*

Conselho Editorial

Claudio André Souza

João Daniel Guimarães Oliveira

Maria de Lourdes Novaes Scheffler

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

Maria Victória Espiñeira González

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S579

Silva, Cristina Ferreira da

Entre trajetórias e “escrevivências” [recurso eletrônico] : a EJA / Cristina Ferreira da Silva, José Mário Bispo Gonçalves Júnior. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2024.
90 p.: il.

Ebook

Formato: PDF

ISBN 978-65-88707-94-4

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA).
 2. Escrevivências.
 3. Memórias.
 4. Práticas pedagógicas.
 5. Irará, Bahia – História.
 6. Ensino-aprendizagem.
- I. Título. II. Gonçalves Júnior, José Mário Bispo.

CDU 374.7(814.22)

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790



Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Zarte
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê - CEP: 44054-064
Feira de Santana, BA
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp
E-mail: zartegraf@gmail.com
@editorazarte
<https://www.editorazarte.art.br/>

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	9
Jailton Ferreira Serqueira	11
Tatiane Silva de Oliveira	12
Josenilda Pereira de Souza	13
Osana de Jesus Dias	14
Jovelita Bettencourt	15
Valdelino Felix Santana	16
Ligia da Silva de Almeida	17
Katy Cerqueira de Andrade	18
Sidilene da Silva dos Santos	19
Edna Macedo Pacheco	21
Neidinalva de Almeida Santos	22
Marta dos Santos França	23
Djane Pinheiro dos Santos	24
Manuela Pereira Damasceno Viterbo	25
Luciana Suzart Santana	26
Maria Vanise Cardoso Almeida	27
Ivania Ataíde dos Reis	28
Elisângela Moreira da Silva	29
Maria Carolina da Anunciação Nascimento	31

Jailsa Gomes Cerqueira Vieira	33
Thaisy dos Santos de França	34
Josenilda Moreira dos Santos	36
O Entrelaçamento: Maria Helena Paes Coelho e a Educação de Jovens e Adultos	38
Manoela Cerqueira de Brito Ferreira	40
Jucélia Santos Sacramento	42
Maria Isabel Brito Luz	43
Tamiles Alves Barreto	45
José Mário Júnior	47
Milena de Jesus	51
Evanildo Cerqueira Damasceno	52
Ana Maria Pereira Cerqueira	53
Adriana de Jesus	54
Marília de Souza Pereira	59
Marilene Godinho Santiago Moreira	62
Irislene Carvalho	63
Cristina Ferreira da Silva	65
Daniela Bispo de Jesus	67
Sobre os autores	69
Referências	89

PREFÁCIO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um território de possibilidades, um espaço onde histórias se cruzam, sonhos se renovam, e vidas são transformadas. “Entre Trajetórias e “Escrevivências”: A EJA” é um livro que tem como ponto de partida esse lugar, trazendo o protagonismo as experiências e as lutas de educadores e educandos que encontraram na EJA um caminho de resistência e de construção coletiva do conhecimento. Em cada página desta obra, somos convidados a conhecer relatos que vão sobrepõe ao individual, todavia que, sobretudo transformam-se em verdadeiras escrevivências.

O conceito de “escrevivência”, é um neologismo criado por Conceição Evaristo, serve como uma lente para compreender a profundidade dos relatos aqui apresentados. Segundo Evaristo, “a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Assim, ela carrega a vivência da coletividade.” Esta obra reflete exatamente isso: cada história contada por educadores e educandos de Irará, município que se destaca na Bahia por sua proposta pedagógica contextualizada para a EJA, trazendo histórias que se aprofundam mais do que uma experiência pessoal, entretanto a soma das vivências de toda uma comunidade que luta pelo direito à Educação.

Conceição Evaristo também nos lembra que “a escrevivência serve também para as pessoas pensarem.” Este livro, portanto, é um registro de memórias e experiências. É um convite à reflexão sobre o papel da EJA na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao mergulhar nas histórias aqui contadas, o leitor é levado a questionar as estruturas sociais, que historicamente negaram o direito à educação para tantos, e a reconhecer o poder da EJA como um espaço de resistência e de luta por direitos.

José Mário Bispo Gonçalves Júnior

APRESENTAÇÃO

O livro intitulado “*Entre Trajetórias e “Escrevivências”: a EJA*” é uma obra coletiva que emerge como um testemunho vivo e pulsante das histórias, desafios e conquistas dos educadores e educadoras do município de Irará. Reconhecido regionalmente como um exemplo na Educação de Jovens e Adultos (EJA), Irará se destaca como um dos únicos municípios baianos que, em parceria com a comunidade e os movimentos sociais, desenvolveu uma proposta curricular específica para essa modalidade. A força dos movimentos sociais, especialmente a influência do Fórum EJA Bahia, foi fundamental na criação do Fórum EJA da região de Irará, um espaço que fomenta o diálogo, a troca de saberes e a luta pelo a Educação.

É nesse contexto de compromisso e engajamento que se constroem as trajetórias dos inúmeros educadores que, ao longo de suas vidas, se entrelaçam com a EJA. Para muitos, essa história começa enquanto educandos, marcando suas primeiras interações com o ambiente escolar; para outros, a EJA se torna um caminho de dedicação na vida adulta, em que encontram a missão de educar e transformar. Assim, essas vivências, denominadas *Escrevivências*, um neologismo criado por Conceição Evaristo para descrever a escrita que brota das experiências de vida, especialmente as ligadas à resistência e à luta, são o cerne deste livro.

A coletânea reúne essas *Escrevivências*, as quais trazem como a EJA influência e redefine as trajetórias pessoais e profissionais dos educadores. Cada texto presente na obra reflete um profundo compromisso com a educação e com a transformação social, evidenciando como os autores, através de suas vivências, transcenderam o papel de educadores e se tornaram militantes em favor da EJA.

Desse modo, tais relatos documentam histórias individuais, além de registros autênticos de como a EJA tem sido imprescindível na democratização do direito à Educação. Os autores compartilham como,

a partir de suas interações com a EJA, se engajaram em lutas coletivas para assegurar que esse direito fundamental, negado durante a idade apropriada dos sujeitos, fosse enfim garantido.

A escrita deste livro surge, portanto, como um ato de resistência e celebração. É uma tentativa de capturar e perpetuar as histórias que constituem a essencialidade da EJA em Irará, servindo como inspiração para outros educadores, como um caminho para a continuidade da luta pela Educação democrática e transformadora. Nessa perspectiva, ao registrar essas trajetórias e *Escrevivências*, esta obra visa não tão somente preservar a memória das conquistas passadas, todavia, fortalecer as bases para as futuras batalhas em defesa de uma Educação que é, acima de tudo, um direito humano inalienável.

Dessa forma, *Entre Trajetórias e Escrevivências: a EJA* é mais do que um livro; é um manifesto coletivo, uma celebração das histórias de vida que a EJA ajudou a moldar e um farol que ilumina o caminho para aqueles que continuarão a lutar por uma educação verdadeiramente democrática e humana. Através dessas páginas, o leitor é convidado a conhecer e se inspirar pelas histórias de Irará, um município que, com seu compromisso incansável com a EJA, demonstra que a educação é, de fato, uma ferramenta poderosa de transformação social.

José Mário Bispo Gonçalves Júnior

JAILTON FERREIRA SERQUEIRA

A minha história com a EJA começou muito cedo. Ainda pequeno, eu era levado para a escola para ajudar em sala, porque minha mãe era professora do antigo ensino Mobral. Porém, o destino me conduziu para outros universos, isto é, para outras funções.

O tempo passou e, ao seu modo, o destino resolveu que eu fosse morar em São Paulo. Formei-me em Pedagogia e precisei retornar para cuidar da minha rainha: mãe, professora e amiga. Então, o pior aconteceu: ela faleceu. Após três meses da sua partida, fui convidado a formar uma turma de alunos em minha comunidade. Este projeto trouxe-me uma grande alegria, além da oportunidade de voltar a lecionar, o que sempre foi um sonho em minha vida.

A EJA veio transformar um momento difícil em conhecimento e aprendizagem.

Preciso falar das dificuldades que surgiram no decorrer deste processo: Incentivar os alunos retornarem para a sala de aula, bem como, readaptar-me ao ensino de alguns conteúdos, assim como, adaptá-los às necessidades desses sujeitos.

Portanto, a EJA nos proporciona conhecimento e nos faz repensar sobre como ensinar pessoas que tiveram seus direitos negados e negligenciados, muitas vezes, pelo poder público.

TATIANE SILVA DE OLIVEIRA

Sou Tatiane, professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao longo da minha trajetória até o momento, uma frase resume minha experiência: a EJA me escolheu. Aceitar a proposta de assumir uma turma de 15 alunos, incluindo minha mãe, foi um desafio repleto de inseguranças. O medo de errar, de não conseguir corresponder às expectativas, de enfrentar críticas e de decepcionar me causou grande ansiedade.

No entanto, percebi que precisava confiar no meu potencial e dar o melhor de mim, pois estava iniciando uma jornada de construção de um legado. Ensinar minha mãe, e hoje também meu pai, foi o que mais me encorajou, pois me trouxe um senso de firmeza e responsabilidade para mostrar meu trabalho. A EJA é especial, e sou profundamente grata, principalmente a Deus e à equipe gestora, pela oportunidade. Anilce, minha imensa gratidão.

Ser professora tem sido um constante aprendizado, uma descoberta diária de novas histórias, conhecimentos e um desejo incessante de continuar. Não há vontade de parar. Ter como protagonistas da minha história pessoas que não tiveram oportunidades anteriormente é extremamente gratificante. Saber que faço parte do aprendizado de cada educando é muito significativo para mim. Como disse Paulo Freire: “Não há saber mais, nem saber menos; há saberes diferentes.”

JOSENILDA PEREIRA DE SOUZA

Minha trajetória na EJA começou com uma relutância inicial, pois eu não tinha experiência com o ensino em sala de aula com adultos, apenas com o ensino com crianças. No entanto, como gosto de desafios, aceitei a oportunidade, e hoje estou completamente apaixonada pela EJA. Os educandos são maravilhosos, e a troca de experiências com eles tem sido enriquecedora. A EJA se transformou em uma verdadeira família para mim, um espaço onde trocamos conselhos, brincamos e nos divertimos.

Cada aula traz uma novidade, uma descoberta, um aprendizado. Estou sempre em busca de novas ideias para aplicar em sala de aula. No início, tive muitas dúvidas, mas sempre conversava com a coordenadora e com suas orientações e incentivo pude continuar o meu trabalho. Conheço de perto as necessidades de cada aluno, pois muitos são meus vizinhos.

A escola, que estava desativada há muitos anos, surpreendeu ao reunir um número significativo de educandos, mostrando como eles têm sede de aprender. Mesmo cansados, os alunos raramente faltam às aulas e já afirmaram que no próximo ano estarão de volta. O entusiasmo e a vontade de estudar que eles demonstram me motivam a buscar constantemente algo novo, tornando as aulas mais agradáveis e divertidas.

OSANA DE JESUS DIAS

Minha trajetória na EJA começou como aluna e, hoje, continuo nela como professora. No primeiro e segundo ano do ensino médio, estudei no Colégio Joaquim Inácio de Carvalho, no turno vespertino, cursando todo o ensino médio na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA). No entanto, perdi o primeiro ano por causa de meio ponto em matemática, o que me desmotivou a seguir o ensino médio regular por três anos. Foi então que soube da EJA e decidi cursar essa modalidade, que era nova para mim, mas que logo se tornou uma experiência enriquecedora, permitindo-me concluir o ensino médio.

Em 2023, fui incentivada a me tornar professora da modalidade, formando também meus próprios educandos. Compartilhei a ideia com minha família, que me apoiou totalmente. Ao longo de 2023, minha família frequentemente me perguntava se eu havia desistido do propósito de formar uma turma, e eu respondia que não. Meu esposo, então, compartilhou o plano com o prefeito Derivaldo, o que resultou na formação da turma com o apoio dos coordenadores. Superamos os desafios e, no dia 29 de maio de 2024, tivemos nossa primeira aula inaugural.

Hoje, atuo na EJA, me sentindo realizada apesar das dificuldades que enfrento. Na EJA, encontro sempre motivos para não desistir, especialmente o entusiasmo para continuar acreditando que sou capaz. Ao final de cada aula, em vez de sentir cansaço, sinto uma renovação que me impulsiona a seguir em frente.

JOVELITA BETTENCOURT

Minha experiência com a EJA começou em 2022, quando fui convidada a trabalhar na educação de jovens e adultos. Naquele ano, eu havia me preparado para atuar na educação infantil, organizando toda a programação necessária. No entanto, uma colega manifestou interesse por essa vaga e, por uma questão de hierarquia, ela teve prioridade. Além disso, havia uma questão pessoal: minha mãe ficava comigo durante o dia, o que tornava difícil aceitar um turno diurno. Diante disso, a diretora me propôs trabalhar na EJA, e, embora inicialmente preocupada, aceitei o desafio. Nunca tinha trabalhado com essa modalidade antes, e a incerteza me acompanhou. Contudo, ao longo do ano, fui conquistada pela minha turma. Composta por dezessete educandos, todos interessados e motivados, que, apesar do cansaço de suas jornadas diárias, chegavam à escola com uma imensa vontade de aprender. Eu via a dedicação e os esforços deles, o que me impulsionava a dar o meu melhor. Trabalhamos muito, com Paulo Freire como nosso maior inspirador.

Ninguém desistiu, e todos progrediram. Foi um sucesso ao final do ano. Essa experiência foi única, maravilhosa e apaixonante. Paulo Freire me inspirou a inspirar meus alunos na EJA a refletirem sobre quem são, de onde vieram e o que estão fazendo aqui. Essa paixão pela educação transformou nossa vivência.

Viva a EJA, viva Paulo Freire.

VALDELINO FELIX SANTANA

Iniciei meus trabalhos na EJA em 1997, motivado pelo grande número de pessoas em minha comunidade que não eram alfabetizadas e pela necessidade urgente de ajudá-las a estudar. Comecei com uma turma de trinta alunos, dos quais a maioria não sabia assinar o próprio nome. Com muita paciência e perseverança, ao longo do tempo, muitos conseguiram dar esse passo importante, em um trabalho que exige dedicação constante.

Ver o gosto e o prazer deles em superar todas as dificuldades me trouxe grande satisfação. Hoje, sinto-me realizado por ter feito parte de tantas vitórias nesse processo de aprendizagem.

Para mim, a EJA representa alegria, vitória, amor, carinho e, acima de tudo, família. Uma das minhas maiores realizações foi alfabetizar minha mãe, um grande sonho dela.

A EJA realiza sonhos.

LIGIA DA SILVA DE ALMEIDA

Estou em sala de aula há dois anos, atuando como monitora de alunos especiais. Em maio de 2024, durante uma reunião na associação da qual faço parte, a secretária Vanelli sugeriu a abertura de uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na minha comunidade, com a condição de conseguirmos, ao menos, 20 alunos. No mesmo dia, iniciei a busca pelos alunos e, rapidamente, consegui 25 inscritos. Após isso, passamos por todo o processo de matrícula e reforma do prédio para o início das aulas. Inicialmente, não seria eu a professora, pois já estava empregada. No entanto, realizei a busca ativa desses alunos por ser membro da comunidade e da associação, desejando contribuir para o progresso local e ajudar as colegas a dar continuidade ao projeto, além de garantir uma oportunidade de trabalho.

Contudo, eu era a pessoa à frente de todas as ações: mantinha os contatos com Vanelli, com a diretora da escola, com Júnior e com Isabel, e era eu quem fornecia as informações necessárias. Como trabalhava na Santa Bárbara, a diretora não queria me dispensar, mesmo a sala da EJA sendo um anexo da mesma escola. Após muitas reuniões e conversas, fui escolhida para ser a professora. Fiquei feliz e receosa ao mesmo tempo, pois ainda estou cursando Pedagogia, e ensinar pessoas que me viram nascer e crescer é uma responsabilidade enorme.

Hoje, tenho uma turma com 36 alunos maravilhosos, incluindo estudantes tanto do Tempo Formativo I quanto do Formativo II. A cada dia, fico mais certa de que a sala de aula é o meu lugar. Ensinar na EJA e aprender, diariamente, novas histórias é vivenciar a realidade da minha família e da minha comunidade todas as noites.

KATY CERQUEIRA DE ANDRADE

Comecei na educação aos 19 anos como prestadora de serviços. Quando eu era criança, sempre dizia que seria professora. Não sei se essa vontade vinha do fato de minha tia ser professora ou se era realmente a minha vocação. Fiz o magistério e concluí aos 17 anos. Comecei a dar aulas particulares e passei um ano como prestadora de serviços, trabalhando na Escola Allan Kardec, onde estudei da primeira à quarta série.

Com 19 anos, fiz o concurso do município e fui aprovada. A primeira escola em que trabalhei, após me tornar concursada, foi a Escola Antonieta Antônia de Freitas, no Cajueiro, com uma turma de educação infantil. Após alguns anos, pensei em mudar e trabalhar com outras séries. Surgiu, então, a oportunidade de atuar na Escola Municipal São Judas Tadeu, nas turmas da EJA, na disciplina de Matemática. Pelo que me lembro, foi uma boa experiência. As turmas eram compostas por alguns jovens e outras por pessoas mais maduras. Nas turmas de pessoas mais velhas, eu percebia o interesse, a vontade e o esforço delas em aprender. Foi gratificante, e até hoje encontro alguns desses alunos e alunas que me chamam de “pró” e me tratam com muito carinho.

O tempo passou, passei por outras escolas, vivi outras experiências e, no ano de 2021, retornei à Escola Allan Kardec na condição de vice-diretora. Nesse período, a Educação de Jovens e Adultos passou por uma expansão de vagas e turmas em várias escolas, inclusive naquelas que antes não ofertavam essa modalidade. Foi então, partindo das inquietações minhas e do meu filho Júnior, que era coordenador da EJA, que percebemos que no entorno da nossa escola havia pessoas não alfabetizadas ou que não concluíram o Ensino Fundamental e desejavam voltar a estudar para usufruir do direito que um dia lhes foi negado.

Nesta perspectiva, convidamos a professora DeJane para buscar esses sujeitos, e assim a turma foi formada. Meses depois, contagiada por essa energia de trocas de experiências e aprendizagens noturnas, a professora Luciana buscou alunos e alunas do entorno do seu bairro, formando, assim, sua turma, que foi acolhida em nossa escola por nós e

pela equipe gestora. Eu e a diretora Gleide Assim estamos presentes na escola dois dias por semana, cada uma, com prazer e alegria, buscando acolher e assistir as professoras e os educandos no que precisarem. Percebemos o interesse deles em aprender, e, mesmo com a labuta do dia a dia, eles vão para a escola à noite, levando consigo um lindo sentimento de adquirir mais conhecimentos.

SIDILENE DA SILVA DOS SANTOS

Terminei o ensino médio na EJA em 2017 e, em 2019, ingressei na faculdade. No sexto semestre do curso, conheci Cristina, que me incentivou a realizar uma busca ativa para encontrar alunos interessados em formar uma turma de EJA na minha comunidade.

Em 2021, em plena pandemia, realizamos uma reunião na comunidade com a diretora da escola, a secretária de educação e nossa querida Cristina, a “dona EJA”. Mesmo em tempos de restrições devido à pandemia, começamos a organizar as aulas, que seriam realizadas na sede da associação dos produtores rurais da comunidade.

Desde então, estou à frente de uma turma de 17 alunos do Tempo Formativo 1, nos eixos 1, 2 e 3. É uma enorme satisfação para mim, pois além de transmitir conhecimentos que pesquisei, recebo o aprendizado que cada aluno acumula ao longo de sua vida. Essa experiência é extremamente gratificante e será levada comigo por toda a minha vida.

EDNA MACEDO PACHECO

Antes de iniciar minha graduação em Pedagogia, tive a oportunidade de ensinar no Projeto Topa. No sexto semestre da faculdade, fui chamada para trabalhar com a educação infantil na Escola Maria de Lourdes. Mesmo antes da faculdade, já me encantava com a EJA, e durante o curso, minha paixão por essa modalidade só cresceu, especialmente ao estudar a disciplina específica sobre a EJA.

Após o término do ano letivo na educação infantil, fui convidada pela diretora para assumir a turma da EJA no anexo da Caboronga, que também acontece em um espaço comunitário, na associação. Naquele momento, a turma já havia sido iniciada por outra professora, que precisou desistir por motivos pessoais. No início, enfrentei desmotivação por parte de alguns que acreditavam que eu não conseguiria formar e manter a turma.

Este ano, completo dois anos na Educação de Jovens e Adultos. Encontro algumas dificuldades, como muitos outros professores, e já pensei em desistir por diversos motivos, mas encontro inspiração nos alunos que me incentivam todos os dias. Hoje, gosto muito do que faço, gosto da minha turma e tenho o desejo de conquistar ainda mais alunos.

NEIDINALVA DE ALMEIDA SANTOS

Minha trajetória na EJA começou quando decidi sair da Escola Coronel Bobino Félix. No entanto, a diretora não queria que eu saísse e me propôs assumir a turma da EJA na comunidade do Saco Velho, o que aceitei.

A turma que assumi era composta por 12 alunos, mas apenas 9 frequentavam regularmente, e durante o período de chuvas, apenas 2 ou 3 compareciam. Esses alunos me incentivavam diariamente, dizendo que não me abandonariam e que eu não podia deixar de dar aulas, pois precisavam continuar estudando. Motivada por eles, não desisti e continuei meu trabalho.

No início deste ano, realizei uma busca ativa e consegui 22 alunos. Sinto-me encantada e realizada com essa modalidade de ensino, não apenas por transmitir conhecimento, mas também pela troca que acontece em cada aula. A cada encontro, saio com uma bagagem ainda maior, consciente de que não há saberes superiores ou inferiores, apenas diferentes, como nosso grande mestre da educação brasileira dizia.

MARTA DOS SANTOS FRANÇA

A EJA inspira. Ela surgiu em meu âmbito profissional em 2023, fruto da minha persistência em trabalhar com essa modalidade de ensino na comunidade de onde venho, Várzea.

Com o apoio de muitas pessoas, incluindo a professora Cristina, carinhosamente chamada de “Dona EJA”, e através do meu trabalho incansável de busca ativa, de porta em porta, consegui formar uma turma com 21 educandos, dos quais 17 concluíram o ano letivo com mérito.

Em 2024, sigo firme com a maioria dos alunos que iniciaram essa trajetória de constante troca de conhecimento.

A EJA me inspira por ser uma modalidade de ensino diferenciada, que valoriza o educando e suas especificidades.

Sinto-me realizada em viver o sonho de ser uma educadora de EJA, incentivando cada educando a acreditar que todos somos capazes, independentemente da idade. EJA é vida.

DJANE PINHEIRO DOS SANTOS

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) entrou na minha vida de forma natural, quase como uma extensão das conversas que sempre gostei de ter com as pessoas ao meu redor. Na rua onde moro, sempre tive o hábito de conversar com todos, independentemente da faixa etária, religião ou condição financeira. Nessas conversas, especialmente com algumas vizinhas idosas, elas compartilhavam histórias de arrependimento por não terem frequentado a escola e de como, na juventude, foram obrigadas a trabalhar para sustentar a família. Expressavam uma certa indignação ao compararem suas dificuldades passadas com as facilidades dos jovens de hoje, que têm acesso a comida, transporte para a escola, merenda e até apoio financeiro do governo. Essas mulheres falavam constantemente sobre o desejo de poder voltar ao passado e corrigir suas trajetórias.

Apesar das muitas dificuldades que essas mulheres enfrentavam para voltar a estudar, comecei a incentivá-las a procurar atividades que lhes trouxessem prazer e que as tirassem de casa. Foi durante esse período que um amigo, observando meu envolvimento com essas conversas, sugeriu que só em minha rua já havia pessoas suficientes para formar uma turma de EJA. Naquele momento, eu tinha conhecimento zero sobre essa modalidade de ensino, mas decidi procurar mais informações, inicialmente para poder explicar à minha filha, que na época participava do grêmio estudantil. A ideia de EJA ganhou força, especialmente após conversas com as vizinhas, que abraçaram a proposta com entusiasmo.

Fui em busca de orientação e, com a ajuda de pessoas responsáveis pela modalidade, consegui formar a turma. Enfrentei meus medos, mas avancei mesmo assim, com coragem. O apoio do meu amigo foi fundamental, mas, infelizmente, a amiga que sonhava tanto em estudar não pôde ver esse sonho realizado, pois desencarnou antes de poder começar essa nova etapa.

MANUELA PEREIRA DAMASCENO VITERBO

A minha jornada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) começou quando ainda era estudante do magistério. Tive o prazer de lecionar para uma turma de jovens e adultos, inserida no programa Brasil Alfabetizado, uma iniciativa do governo federal. Essa experiência inicial foi marcante e me despertou uma paixão pela educação inclusiva e transformadora.

Em 2023, recebi um convite especial da nossa querida dona Eja para realizar uma busca ativa em minha comunidade, com o objetivo de atrair novos alunos para as turmas de EJA. Com muito esforço e dedicação, consegui matricular quase 30 estudantes e, com o tempo, mantive 20 alunos assíduos nas aulas. Esse trabalho me enche de alegria e satisfação, pois vejo em cada olhar a determinação de aprender e adquirir novos conhecimentos, independentemente das dificuldades enfrentadas ao longo do caminho.

Uma parte especial dessa jornada é o fato de eu ser professora da minha própria mãe. Ela, que sempre foi minha grande incentivadora, é um exemplo de força e perseverança, e a sua presença em minhas aulas me motiva a continuar e a nunca desistir dessa missão tão importante. Ser educadora na EJA é mais do que ensinar; é participar ativamente da construção de sonhos e da transformação de vidas.

LUCIANA SUZART SANTANA

Minha experiência na EJA tem sido extremamente enriquecedora. Quando comecei a lecionar durante a pandemia, não conhecia a Educação de Jovens e Adultos (EJA); só ouvia falar que era uma experiência muito gratificante e prazerosa, o que despertou minha curiosidade. No final daquele mesmo ano, procurei a supervisora, conhecida como Dona EJA, e expressei minha vontade de trabalhar nessa área. Ela me orientou sobre os passos que eu deveria seguir. No ano seguinte, comecei a fazer a busca ativa no meu bairro e, com a ajuda de alguns alunos, consegui formar uma turma com 15 estudantes.

Hoje, sinto-me realizada. Juntos, construímos laços fortes que carregamos para sempre. A vontade e o interesse dos educando em aprender me motivam diariamente a buscar, pesquisar e aprender com eles, absorvendo os seus ensinamentos.

Falar sobre a EJA é uma tarefa que exigiria muitas páginas, pois, quanto mais eu falo, mais me emociono. As palavras parecem insuficientes para descrever essa experiência transformadora.

MARIA VANISE CARDOSO ALMEIDA

Minha trajetória na Educação de Jovens e Adultos (EJA) começou de maneira inesperada. Tudo deu início quando a agente de saúde da comunidade me convidou para procurar pessoas que não haviam concluído os estudos, especialmente aquelas que não sabiam assinar o próprio nome. Esse convite era parte do Programa Brasil Alfabetizado, implementado em 2010, onde pessoas que haviam cursado o magistério poderiam formar turmas em suas comunidades. O programa teve a duração de seis meses, e durante esse período, adquiri conhecimentos e aprendizagens valiosas ao trabalhar com os sujeitos da EJA, uma modalidade inclusiva que demanda muita paciência e amor para ensinar.

Após o término do programa, comecei a lecionar em uma turma que se transformou em uma classe de Educação de Jovens e Adultos. Foi nesse momento que minha verdadeira jornada na EJA começou. Senti-me extremamente realizada, e desde então, continuo ensinando e me apaixonando cada vez mais por essa modalidade, onde os educandos trazem consigo diversos saberes. Com dedicação e muito esforço, consegui concluir minha faculdade em pedagogia e, logo em seguida, retornei ao ensino na EJA, incentivada pela supervisora Cristina Ferreira. Cristina, uma referência para todos nós que trabalhamos com essa modalidade, sempre nos lembra das palavras de Paulo Freire, nosso patrono: “Não há saber mais, não há saber menos, há saberes diferentes.”

Lecionar na EJA é uma experiência gratificante, pois nos dá a oportunidade de transformar vidas e valorizar os conhecimentos que os educandos trazem consigo. É um privilégio poder contribuir para o crescimento e desenvolvimento desses estudantes, e cada dia de trabalho reforça em mim o amor por essa nobre missão.

IVANIA ATAÍDE DOS REIS

Minha trajetória começou quando fui estudante do ensino noturno, concluindo o ensino médio em uma turma composta por pessoas jovens e idosas. Desde então, percebo um olhar sensível tanto dos educandos quanto dos educadores em relação a esse público, pois 90% dos que estão ali buscam uma nova realidade e uma oportunidade que não tiveram anteriormente.

Comecei a lecionar na EJA durante a pandemia, em um período de intenso distanciamento social devido ao vírus da COVID-19. Fui convidada para assumir uma turma em uma comunidade pouco conhecida por mim, distante da minha própria comunidade. A situação se agravava pelo fato de que as aulas não ocorriam em uma escola, mas em um espaço não formal, e a turma estava desmotivada a continuar.

Diante desse desafio, inicialmente pensei em desistir, mas com o apoio da diretora e de colegas, que me forneceram o contato de estudantes que haviam participado anteriormente, conseguimos reativar o grupo. Em nossa primeira reunião, os educandos demonstraram resistência, desejando apenas voltar para realizar a prova antiga. No entanto, com argumentos convincentes, eles foram gradualmente retornando, e conseguimos manter as aulas remotamente, com visitas e encontros semanais, além de vídeos explicativos para sanar dúvidas. Conseguimos finalizar o ano com uma boa frequência.

Em 2023, retornamos com todos os cuidados necessários e continuamos a fazer busca ativa, convidando novos educandos. Hoje, essa comunidade me é tão familiar que parece que sempre a conheci, e a relação com os educandos é uma troca constante de aprendizado. Sou profundamente grata por ter passado por essa modalidade, que é, sem dúvida, uma troca de saberes. Com isso em mente, busco constantemente me aperfeiçoar e manter uma busca ativa, pois as turmas de EJA frequentemente enfrentam desistências. Como bem disse Paulo Freire: “Não há saber mais, nem há saber menos, há saberes diferentes.”

ELISÂNGELA MOREIRA DA SILVA

Desde que me entendo por gente, sempre acreditei no poder transformador da educação. Para mim, cada aula é uma oportunidade de abrir portas e iluminar caminhos que antes pareciam sombrios. Minha paixão pela educação de jovens e adultos, a EJA, nasceu do desejo de ver pessoas, independentemente da idade, se descobrindo e se empoderando através do conhecimento. Lembro-me do primeiro contato que tive com a EJA, na Escola Municipal São Jorge, tempo no qual eu trabalhava como vice-diretora e também professora do ensino fundamental anos finais.

A energia da sala de aula dos alunos da EJA era contagiante. Olhos brilhando, sorrisos tímidos e histórias de vida se entrelaçavam em um ambiente acolhedor. Ali percebi que não se tratava apenas de ensinar conteúdos. Era sobre criar um espaço onde aqueles sujeitos pudessem resgatar seus sonhos e potencialidades. Acredito que a educação é um direito de todos e a EJA é uma ferramenta poderosa para aqueles que, por diversos motivos, não tiveram a chance de estudar na infância ou adolescência.

É um espaço onde as experiências de vida são valorizadas e onde cada educando traz consigo uma bagagem rica de histórias e aprendizados. Ver as pessoas se superando a cada dia é o que mais me motiva. É emocionante acompanhar o progresso dos educandos, seja ao aprender a ler e a escrever ou ao conquistar novos conhecimentos. Cada conquista é uma celebração. Além disso, a troca entre educandos e educadores é enriquecedora. Eu aprendi tanto com eles quanto eles aprenderam comigo, mesmo na condição de gestora.

As conversas sobre os desafios cotidianos, sonhos e aspirações nos conectavam de uma forma única e essa relação vai para além da sala de aula, do espaço escolar. Ela cria laços que perduram no tempo. A EJA para mim também representa esperança e renascimento. Para muitos, voltar a estudar significa reescrever suas histórias e abrir novas possibilidades no futuro. Eu me sinto honrada por fazer e ter feito parte desse

processo e ser testemunho das transformações que ocorreram na vida desses educandos.

A minha paixão pela educação dos jovens e adultos vai além da importância do ensinar e do desejo de aprender. É um compromisso com a inclusão, a igualdade e a justiça social. Acredito que cada pessoa merece ter acesso ao conhecimento, independentemente das barreiras que possam ter enfrentado. Dessa forma, a EJA inspira aos educandos a sonharem alto e acreditarem em si mesmos, construindo um futuro mais brilhante, pois a educação é uma jornada contínua, uma caminhada linda e cheia de possibilidades, uma chama acesa pelo amor ao saber e pela transformação através do conhecimento. Por fim, digo que na EJA cada passo é um convite à transformação, onde o conhecimento abre caminhos e sonhos se tornam realidades.

MARIA CAROLINA DA ANUNCIACÃO NASCIMENTO

Ser filha de professora me motivava a não querer prestar o meu primeiro vestibular, ou, através da nota do Enem, optar por cursos da área de Licenciatura. Achava muito trabalhoso e percebia o quanto ela precisava se dedicar, para além da sala de aula, exercendo esta profissão.

Passei em diversos cursos, dentre eles Psicologia, Agronomia... mas não cursei nenhum, ainda não era o que eu de fato queria.

Assim sendo, dividi meu tempo trabalhando e estudando, para aprovação em nome de um curso que ainda não sabia qual seria. As datas das inscrições se aproximaram e por mais que não tivesse certeza se havia feito a escolha certa, decidi por Geografia. Passei com uma excelente colocação e no decorrer dos dias sentia uma enorme ansiedade para início das aulas.

Curvei e amei. Através deste curso, tive algumas saídas de campo, viajei para outros municípios e pro exterior para apresentar trabalhos acadêmicos, tive aulas práticas maravilhosas e muitos professores legais. Ao concluir esta licenciatura, estava empenhada em pôr em prática tudo o que aprendi.

Logo, quando passei a “ser pró” por ter recebido algumas propostas de trabalho para lecionar no Fundamental I, decidi também cursar Pedagogia e também foi experiência muito boa.

No primeiro semestre de 2021, iniciei o ano trabalhando com Fundamental II e também Educação Infantil, esta última, precisei abrir mão e ao invés de pró de creche passei a ser professora da EJA.

Vale salientar que, neste ano, estávamos passando pelo período pandêmico da COVID 19 e a educação era remota/on-line. Para conseguir trabalhar com a modalidade EJA, produzi diversos cards, pesquisei vários vídeos e lecionava minhas aulas através grupos no WhatsApp. Desafiador? Muito, mas deu certo.

A partir de 2022, já presencialmente, trabalhando com a EJA, me senti uma pessoa importante, porque o respeito, o compromisso, o cuidado e a vontade de estudar tornavam as aulas melhores, mais leves e o

trabalho fluía muito bem. Os educandos da EJA tinham sede de conhecimento e todos os dias agradeciam pela aula e pela paciência.

Hoje, atuo como coordenadora na área de Humanas da EJA do município Irará e afirmo que trabalhar nesta modalidade, embora ainda que eu precise melhorar em alguns pontos, os educandos, a equipe, Paulo Freire, minha mãe e irmã me impulsionam a cada dia mais buscar o melhor caminho nessa carreira que escolhi.

Por fim, parafraseando Rubem Alves entendo que lecionar é sim é um exercício de imortalidade e que continuamos presentes na vida de cada educando ao verem o mundo pela magia da nossa palavra - mesmo que, mais uma vez parafraseando, Freire a compreensão desta palavra não precede sua leitura de mundo.

JAILSA GOMES CERQUEIRA VIEIRA

Um sonho realizado

O agente de saúde da comunidade sugeriu que eu formasse uma turma à noite para alfabetizar, com o programa do Governo Brasil Alfabetizado. Como o curso tinha uma duração de oito meses, assim que concluímos, minha turma continuou no mesmo espaço como uma turma de EJA. Nos anos seguintes, mudamos de escola. A turma continuou feliz, pois estavam fazendo o que gostavam.

Não me lembro quando, mas houve um processo seletivo e em setembro precisei entregar a turma para outro professor. Isso doeu na minha alma. No ano seguinte, trabalhei no diurno e percebi que faltava algo em minha vida. Veio a pandemia e o retorno para a turma, com a ligação da Secretaria de Educação perguntando se eu queria formar uma turma na comunidade. A resposta foi sim. Sim, fiz a busca. Formei a turma e o sonho voltou mais uma vez a ser real.

Hoje, cada noite com meus educandos é prazerosa. A troca de experiências, melhor ainda. Estou feliz e realizada por fazer parte dessa história. EJA. Paulo Freire, presente.

THAISY DOS SANTOS DE FRANÇA

Meu nome é Thaisy dos Santos de França, e minha história começa no seio de uma família pequena, mas repleta de afeto e significados. Meu pai, Alex Sinal, minha mãe, Joanildes Lima, minha irmã, Meire Livia, e minha sobrinha Ana Beatriz, tão esperta quanto linda, são os pilares da minha existência. Apesar de ser a protagonista deste relato, vocês perceberão que, para contá-lo, recorro à presença marcante da minha irmã. Afinal, foi ao lado dela que dei meus primeiros passos na educação e, sobretudo, como ser humano.

Aos três anos de idade, tive meu primeiro contato com a escola, um dia que permanece vívido em minha memória. Minha mãe, orgulhosa, nos arrumou com carinho e registrou o momento em uma fotografia que simbolizava o início de nossa jornada educacional. Naquele instante, mais do que um simples dia de aula, começava um capítulo essencial da minha vida.

Após a alfabetização, minha mãe decidiu que minha irmã e eu continuaríamos nossos estudos no Colégio Cenecista São Tadeu. Foi lá que conheci professoras inesquecíveis, que moldaram não apenas minha formação acadêmica, mas também minha vocação profissional. Quando mudanças financeiras nos levaram ao Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, seguimos juntas, completando o ensino fundamental e o curso normal.

Nesse período, nossas histórias foram marcadas pela convivência com colegas e pela resiliência diante dos desafios. A “turma do Inferninho”, como nos apelidávamos, deixou suas marcas na escola e em nossas vidas. Até hoje, ao nos encontrarmos pelos caminhos da vida, compartilhamos risos e lembranças das travessuras e dos aprendizados que nos uniram.

Nem todos os anos foram fáceis. Enfrentei, como bem descreveu Carlos Drummond de Andrade, “pedras no meio do caminho”. Mas cada obstáculo vencido solidificava minha determinação de seguir adiante. Em 2001, quando o colégio inaugurou o antigo curso normal,

abraçei a oportunidade de transformar meu sonho de infância em realidade: ser professora.

Minha primeira experiência em sala de aula veio com os estágios supervisionados. Lembro-me da turma desafiadora, formada por adolescentes entre 10 e 17 anos, desmotivados e distantes de seus potenciais. Foi ali que compreendi o poder do diálogo, da escuta e da empatia. Ao lado de meus pais, que sempre me apoiaram, comecei a criar estratégias para engajá-los. Ao final do ano, a maioria deles havia sido aprovada, e eu carregava a certeza de que educação é mais do que ensinar – é transformar.

As palavras de Paulo Freire ecoaram em minha trajetória: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” A cada passo, acreditei mais no poder da educação como ferramenta de mudança, não só na vida dos outros, mas na minha também.

Somente em 2022, retornei à Educação de Jovens e Adultos, um convite da Secretaria de Educação que, à primeira vista, pareceu desafiador. Mas logo me vi envolvida pelas histórias dos meus colegas trabalhadores e estudantes. Ouvi relatos de luta, superação e esperança que me marcaram profundamente. Foi ali que percebi a urgência de um sistema educacional mais humano e inclusivo, reafirmando as palavras de Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda.”

Em 2024, meu compromisso com a EJA ganhou novos contornos. Aceitei o convite da Supervisora Educacional Cristina Silva para coordenar a área de Linguagens. Foi uma oportunidade de colocar em prática tudo o que havia aprendido, inspirando outros educadores e reafirmando a crença de que a educação é, acima de tudo, um ato de esperança e transformação.

JOSENILDA MOREIRA DOS SANTOS

Esta vida é feita de encontros e reencontros. E nesse navegar constantes de rumos certos e incertos é que se constrói caminhos, sonhos, possibilidades e existências. Foi assim o meu navegar na Educação de Jovens e Adultos. O meu primeiro remar enquanto educadora nessa modalidade de ensino, se inicia no Programa Brasil Alfabetizado. Ao terminar o ensino médio, surgiu o convite, feito por Cristina, conhecida como “dona Eja”, no município de Irará - Ba, para formar uma turma no Quilombo e alfabetizar meus camaradas. Devo confessar que a imensidão desse passo só fui compreender anos mais tarde. Nessa época, tinha recém completado os meus dezoito anos, nunca tinha saído do quilombo, então a vida para além daqui ainda era desconhecida nesses meus passos de menina. Mas durante esse período, me apaixonei pela profissão de professora e, a partir desse momento, decidi cursar licenciatura. Essa passagem pelo programa me fez entender como ser professor é desafiador e uma profissão de grande responsabilidade social. Nessa época também fui apresentada ao mestre Paulo Freire e a obra *Pedagogia do Oprimido*, assim como os princípios da dialogicidade. O professor-educando é o meu lema de vida, pois é a partir desta premissa que se estabelece a educação como prática de liberdade. É preciso mudar o sujeito e ele transformar o mundo. É preciso entender o papel da palavra, pois segundo Freire, se a palavra for proclamada e não houver uma ação efetiva torna-se apenas uma fala esvaziada de sentido. A Palavra precisa servir como uma ferramenta para promover o bem comum e auxiliar as pessoas a se libertarem das restrições que as relegam a uma posição inferior. Em 2012, ingressei na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) no curso de Licenciatura em Geografia. Antes disso, o programa havia sido encerrado. Durante a graduação, voltei a trabalhar com Cristina, novamente a seu convite, na Escola Família Agrícola dos Municípios Integrados da Região de Irará (EFAMI), onde consolidamos nossa amizade e parceria. Percebi ao me inserir neste novo cenário de uma escola contextualizada que sua visão e expectativa de vida muda,

muda suas certezas, e a sua defesa sobre esse espaço se amplia. A EFAMI me permitiu novamente aprender, vivenciar, experimentar e sentir. Pois restabeleceu em mim, a certeza de que o processo de ensino e aprendizagem se estabelece nas relações, formando vínculos que se integram ao contexto inserido, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido e com isso crescemos. É imprescindível que você estabeleça uma relação com o aluno e trabalhe com a sua realidade e com o seu contexto de vida (lições aprendidas com Freire como supracitados). Em 2014, a escola do Quilombo foi fechada, o que gerou revolta entre os moradores e se tornou pauta nas reuniões e ações da associação comunitária as tentativas de reabertura. A comunidade foi prejudicada em vários aspectos, pois a escola é vida, ela dá vida ao Quilombo. Após anos de luta e tentativas, em 2022, em novo contato com Cristina, nos organizamos para formar uma turma de EJA, Tempo Formativo I, e reabrir a escola, o que conseguimos com sucesso. Hoje, sou professora da minha mãe, de primos e de irmãos quilombolas. Estou no meio deles, com eles, parte deles. Me lembro de todos eles presentes desde minha passagem de criança para menina e de menina para mulher. Eu lembro dos olhares de coragem nas minhas idas para universidade e nem imaginávamos nós, ou imaginávamos sim, que eu voltaria para cá, para estar com eles no início da noite, na escola do quilombo a compartilhar histórias e a descobrir e descortinar o mundo das letras. O nosso encontro de todas as noites é um acontecimento, a gente se diverte e faz desse momento de apreender e compartilhar o nosso alento noturno, o nosso contentar e o nosso respiro de vida, de liberdade. Eu amo ser professora do quilombo!

Com amor, respeito e gratidão,

O ENTRELAÇAMENTO: MARIA HELENA PAES COELHO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Até o ano de 2002, eu não havia adentrado neste cenário tão rico de experiências. Isso mudou com a aprovação no vestibular. Edna Moreira de Oliveira, mais conhecida como Edna, professora de Bento Simões, ao identificar meu nome na lista de aprovados na segunda chamada para o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para as Séries Iniciais, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), entrou em contato comigo. Após me apropriar dessa informação, imediatamente comecei a agilizar a documentação necessária para a inscrição, pois restava apenas um dia.

Ao retornar dessa busca, passei pela Secretaria de Educação para informar que não iria à escola no dia seguinte, pois necessitava concluir o processo de inscrição no curso e que seria necessário mudar meu turno de trabalho para o noturno, uma vez que o curso era todas as tardes. Recebi a seguinte frase: “Vocês da roça inventam de fazer vestibular para atrapalhar a minha vida.” Fiquei sem chão.

Neste mesmo espaço, estava a professora Neuma Pinheiro, vice-diretora da Escola Municipal São Judas Tadeu. Ela trouxe uma informação que me equilibrou: “Helena, na escola não temos mais vagas para professora, no entanto, estamos necessitando de um profissional para a biblioteca à noite. O que você acha?” Não hesitei, o “sim” foi imediato.

Deste modo, comecei a trabalhar no turno noturno e a conhecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atuando na biblioteca, pude ouvir algumas demandas dos alunos da EJA, que ultrapassavam as questões cognitivas. Lá, tive a oportunidade de escutar os anseios, angústias, sonhos, desafios, entre outros aspectos.

Essa escuta me levou a desenvolver um objeto de pesquisa, que se tornou tema de minha monografia: “O que leva o aluno a retornar para a escola na fase adulta?” Fui para a pesquisa de campo, outra experiência riquíssima, pois aconteceu no espaço familiar. Ouvi o estudante e

seus familiares; alguns apoiavam, outros não acreditavam. Enfim, foi uma reafirmação dos desafios enfrentados pelos alunos da EJA.

No ano subsequente, fui convidada a lecionar a disciplina de Ciências Naturais, outra experiência riquíssima. O primeiro desafio foi assumir turmas com alunos jovens, enquanto outras eram compostas apenas por adultos (essas eram chamadas de pejorativamente de “Museu”). Na sala de aula, muitas vezes meu planejamento era alterado, pois o contexto demandava. A roda de conversa tinha um lugar garantido, pois a escuta era importante, e o lugar de fala do aluno, assegurado. Em alguns momentos, era possível alinhar o diálogo com a proposta do planejamento; em outros, não.

Em meio a todas as vivências, compreendi o princípio da inclusão escolar. A própria EJA se constitui como uma ação inclusiva. A partir dessas experiências, ampliei minha visão de ensino. Conhecer o educando, seu entorno e suas demandas me possibilitou aproximar da família e construir um diálogo humanizador.

Posteriormente, pude circular por outros espaços e funções, como coordenadora e gestora: gestora na escola recém-municipalizada, a Municipal Mário Campos Martins, e como coordenadora e posteriormente gestora de um polo que contava com sete escolas: duas na comunidade da Boa Vista, duas na Fazenda Juazeiro, uma na Fazenda Candéal, uma na Fazenda Baixinha e uma na Fazenda Sobrado. Foi mais um marco profissional. O diálogo com os profissionais da educação, alunos, familiares e a comunidade ao redor da escola me permitiu conceber a ação educativa como algo coletivo.

Parafraseando a professora Maria José Silva: “Somos o que somamos.”
Concebo a educação como uma ação colaborativa.

MANOELA CERQUEIRA DE BRITO FERREIRA

Certa feita, Milton Nascimento escreveu “Quero a esperança de óculos e um sonho que me oriente”. Essa frase da música Coração Civil consegue refletir sobre a importância da educação como ferramenta de resistência, onde a esperança e o sonho guiam o caminho para uma transformação pessoal e coletiva. É, pois, nessa perspectiva que a minha trajetória acadêmica e profissional se desenvolve e se inter cruza com a Educação de Jovens e Adultos: eu, Manoela Cerqueira de Brito, mulher que se depara cotidianamente com as interseccionalidades oriundas de uma sociedade classista, urbanocêntrica, machista, sexista e patriarcal, filha de uma mulher camponesa e iletrada, sempre acreditei no poder de transformação e emancipação que a educação possui.

Ao longo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional sempre entendi a Educação de Jovens e Adultos não apenas como um espaço para os educandos desenvolverem as habilidades postas pelos Currículos institucionalizados, mas, sobretudo, como um locus de construção coletiva do conhecimento e como um instrumento de emancipação dos sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar na idade regular. E foi exatamente por isso que a minha primeira experiência profissional foi com a EJA.

O ano era 2011, eu acabara de ingressar na Universidade Estadual de Feira de Santana para cursar Licenciatura em História, e logo no primeiro semestre iniciei o trabalho na Educação de Jovens e Adultos na Escola Municipal São Judas Tadeu. Naquele tempo, as aulas noturnas finalizavam às 22:40, contudo, isso nunca foi motivo para me deixar exausta ou desestimulada, porque o combustível estava lá, no chão das minhas salas de aula: Dona Maria, Seu Antônio, Seu Jorge, Josevaldo, Elisângela, Eric... e tantos outros e outras que enchem o meu coração de esperança e, sobretudo, a minha consciência de vontade de fazer e lutar por uma educação cada vez melhor e que atendesse às demandas daquelas e daqueles que eram o meu público.

A cada aula dada na EJA, eu pensava que aquele aluno ou aquela aluna poderia ser minha mãe, que por ter nascido em uma família numerosa e machista, precisou tomar conta da casa e dos quinze irmãos e, portanto, não teve a oportunidade nem as condições necessária para iniciar os estudos. Assim, eu fazia o máximo, dentro das condições que me eram oferecidas, para construir uma educação de qualidade: entendendo que os sujeitos da EJA têm um potencial enorme e merecem todo respeito, incentivo, apoio e oportunidades, e precisam ser orientados por professores que partilhem de uma concepção de educação que leve em consideração as particularidades desse público e estejam dispostos a lutar veementemente contra as desigualdades sociais vigentes.

Acredito, por fim, que a EJA e os movimentos coletivos de luta pelo fortalecimento dessa modalidade de ensino representam mais do que simples capítulos na narrativa brasileira; são símbolos de resistência, resiliência e autodeterminação de setores da população que lutou e continua lutando contra as opressões e injustiças históricas. Por isso, sinto uma necessidade imperiosa de continuar engajada na luta pelo fortalecimento da Educação de Jovens e Adultos e, conseqüentemente, pela construção de uma educação que contribua efetivamente para dirimir as injustiças sociais historicamente constituídas e legitimadas pela lógica perversa do capital.

JUCÉLIA SANTOS SACRAMENTO

Ser professor da Educação de Jovens e Adultos é uma jornada que vai além do simples ato de ensinar. É um convite para entrar na vida de pessoas que, por diferentes razões, não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade considerada “normal”. Cada aluno traz consigo uma história única, repleta de desafios pessoais, profissionais e sociais.

Um dos aspectos mais gratificantes de ser professor da EJA é a possibilidade de ver a transformação que a educação pode proporcionar. Muitos alunos vêm com um desejo ardente de aprender, motivados por sonhos que foram deixados de lado. Eles buscam não apenas o conhecimento acadêmico, mas também autoconfiança e novas oportunidades.

No entanto, ser professor da EJA também apresenta desafios. Frequentemente, os alunos têm compromissos familiares ou profissionais que dificultam a frequência às aulas. Alguns podem ter dificuldades com a alfabetização ou com conteúdos que não foram abordados antes. Como educador, é essencial ser flexível e paciente, adaptando as metodologias para atender às necessidades individuais de cada aluno.

Além disso, o ambiente da sala de aula é muitas vezes diverso. Você pode ter alunos jovens ao lado de pessoas mais velhas, cada grupo trazendo suas próprias experiências e perspectivas. Essa diversidade enriquece as discussões em sala, permitindo que todos aprendam uns com os outros.

É emocionante ver os alunos progredirem e conquistarem seus objetivos. Quando um aluno que mal sabia ler consegue entender um texto ou quando alguém se sente confiante o suficiente para participar de uma discussão em grupo, esses momentos são verdadeiramente especiais. Eles refletem não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o crescimento pessoal.

Por fim, ser professor da EJA é um constante aprendizado. A cada interação com os alunos, você aprende sobre resiliência, determinação e o poder da educação como ferramenta de mudança. É uma profissão que exige dedicação, empatia e amor ao próximo, mas que oferece recompensas inestimáveis.

MARIA ISABEL BRITO LUZ

Ser professora sempre foi um sonho de infância, um desejo que também pertencia ao meu pai, que frequentemente dizia: “Minha filha vai ser professora.” Esse sonho moldou minha infância e juventude, e eu o abracei com toda a minha paixão e determinação. A influência desse desejo também já era manifestada em minha irmã mais velha, que se formou em magistério, seguindo uma vocação semelhante à minha.

Após concluir minha formação no Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, comecei a trabalhar em outras áreas, mas o chamado para a sala de aula nunca se apagou.

A Educação de Jovens e Adultos me foi apresentada ainda quando eu cursava o Ensino Médio e acompanhava minha amiga e vizinha Marinalva todas as noites nas aulas que ela dava em um programa chamado Brasil Alfabetizado. A turma funcionava à noite em uma escola já desativada, os educandos eram todos adultos e idosos, ansiosos por aprender e compartilhar saberes, experiências e histórias. Era lindo observar a interação e o envolvimento da turma com as atividades propostas. O retorno a sala de aula para aqueles educandos representava mais do que aquisição de conhecimentos, mas a alegria do encontro e de tantas histórias e prosas compartilhados todas as noites!

Um segundo encontro foi quando trabalhava como assistente administrativo no Colégio Estadual Joaquim Inácio de Carvalho, onde funcionava turmas de EJA. Eu tinha contato direto com eles, pois a noite trabalhava na biblioteca que por vezes me procuravam para dar conselhos, contar sobre suas vivências, chamada por eles de resenhas, ou até ajudar nas atividades escolares. Logo em seguida, no ano de 2003, fui aprovada no concurso municipal e trabalhei à noite na Escola Santa Bárbara, no Largo. Mais uma vez, em contato com a EJA, e assim cada vez mais me identificava com esta modalidade.

No fim do ano de 2019, pedi exoneração do concurso público e passei aproximadamente dois anos em casa durante a pandemia. Em agosto de 2021, voltei para a EJA, desta vez como professora. E, olha,

foi maravilhosa essa nova experiência. Dar aulas à noite pelo WhatsApp aos jovens, adultos e idosos ajudou a me curar de uma profunda tristeza causada pelo período pandêmico. Passada essa fase, continuei com as turmas de EJA nas aulas de História, e nosso reencontro pós-pandemia presencialmente foi incrível. Como escreveu Paulo Freire, “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. E assim ficamos dois anos compartilhando experiências, histórias e construindo novos conhecimentos.

Por fim, em janeiro de 2024, ainda nas férias, recebi o convite de Cristina Ferreira, então supervisora da EJA de Irará, para assumir a coordenação do Tempo Formativo I, missão que aceitei de imediato, pois me permiti viver essa nova experiência que seria de grande importância para meu crescimento profissional. E aqui estou, coordenando um grupo de 24 docentes comprometidos e apaixonados por seus educandos, sob a supervisão de José Mário Júnior, que, apesar de sua pouca idade, já me ensinou muito e me inspira a cada dia. Vejo que a EJA abre portas, e a prova disso é que fui aprovada no Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos da UNEB. Como disse o mestre Paulo Freire: “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”

mestrado profissional de educação de jovens e adultos- Iniciar com letra maiúscula.

TAMILES ALVES BARRETO

Tamiles Alves Barreto, mulher, negra, professora, pedagoga, pós-graduada em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar, mãe, filha e esposa, oriunda da zona rural (Fazenda Saco do Bom Jesus) em Irará-BA. Tenho orgulho de dizer que fiz toda a minha educação básica em escola pública. Desde muito pequena, sempre quis ser professora, e ao longo da minha trajetória estudantil, encontrei diversos professores inspiradores e uma diretora mais que especial, a professora Ilda Bezerra. Ela disse à minha mãe que eu tinha muito potencial, e minha mãe compartilhou essa ideia comigo. A partir dessas palavras, um olhar renovado brotou em mim. Obrigada, pró Ilda!

Em 2006, concluí o curso Normal (antigo Magistério). Um ano antes, em 2005, iniciei minha vida docente com uma turma de EJA, sob a orientação da Mestra Cristina Ferreira da Silva. Foi motivo de orgulho retornar à minha escola primária como professora do programa do Governo Federal, “Brasil Alfabetizado”, que tratava da alfabetização daqueles que, de alguma forma, não puderam concluir seus estudos anteriormente. Por esse trabalho voluntário, recebia uma ajuda de custo de R\$ 250,00 mensais para necessidades básicas. Passei um ano com essa turma, e a experiência foi apaixonante e muito enriquecedora, com a partilha de saberes.

Após a formatura, em 2007, não saí mais da sala de aula. Fui monitora e professora na rede particular e, em seguida, retornei à modalidade EJA (Programa Mais Alfabetização), dessa vez na Escola Allan Kardec. Em 2009, como não houve formação de turma, passei a prestar serviços à Prefeitura Municipal até 2012, ano em que fiz o concurso público para professor nível I. Foi um período de grande medo, pois havia poucas vagas, mas a oportunidade era única: “o trem passou, e eu pulei!”. E deu certo!

Durante esse período, já havia iniciado minha vida acadêmica, conciliando os estudos com uma carga de trabalho de 40 horas semanais. E assim seguiu o fluxo. Atualmente, estou na gestão da Escola Municipal

Prof.^a Maria de Lourdes Campos Portela, situada na Fazenda Várzea, em Irará-BA, atendendo às modalidades de Educação Infantil, Fundamental I e, novamente, a EJA. Iniciamos a primeira turma em 2021, ainda de forma remota, e hoje estamos com três turmas: duas em espaços não formais e uma na instituição.

Confesso que toda essa vivência é de extrema importância para mim. Enquanto gestora na modalidade EJA, consigo perceber que pequenos gestos e atitudes podem transformar e promover mudanças nos sujeitos, respeitando suas especificidades e desafiando-os cada vez mais. É preciso enxergá-los como cidadãos de direitos, pensantes, que possuem uma enorme bagagem de conhecimento e leitura de mundo que precede a leitura da palavra, como já dizia Paulo Freire. Enquanto professora e gestora apaixonada por esses sujeitos, meu compromisso é estimular suas aprendizagens, exercitá-los para que possamos construir uma escola e uma sociedade mais acolhedoras, mais familiarizadas e humanizadas com a realidade deles, para que não se sintam como estranhos em seu próprio interior, mas como parte dela.

Atenciosamente,
Irará, 14 de agosto de 2024.

JOSÉ MÁRIO JÚNIOR

Durante minha infância, sonhei em ser muitas coisas na fase adulta: dentista, empresário, arquiteto. As influências da TV e dos espaços ao meu redor me inspiraram a imaginar diferentes futuros, em diversos lugares, quando chegasse o momento de escolher uma profissão, sustentar-me e conduzir minha vida. Porém, foi no ensino médio que minha verdadeira vocação começou a se revelar. Inspirado por minha tia, a professora Débora Pinheiro, que lecionou História durante meu Ensino Fundamental e Médio, comecei a me apaixonar não tão somente pela disciplina, todavia também pela nobre função de educar. Decidi, então, tornar-me educador. Essa vontade surgiu primeiro em mim como ser humano, para depois se consolidar como escolha profissional, em perfeita sintonia com as palavras de Paulo Freire: “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”

Desse modo, ainda no ensino médio, participei de um grupo de estudos com a professora Marize Damiana. Nesse grupo, pesquisamos alguns aspectos ligados à educação e à sociedade, o que me fez entender as estruturas sociais e as muitas desigualdades e injustiças que a sociedade capitalista impõe sobre nós, classe trabalhadora, que ainda carregamos inúmeras outras interseccionalidades. Foi a partir daí que o desejo de ser professor foi potencializado.

Anos mais tarde, ainda no ensino médio, a professora Cristina Ferreira da Silva, que cursava o Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA), me pediu para contribuir com a sua pesquisa na parte técnica. Ajudei na gravação de áudios, em alguns registros e outros aspectos. Ela pesquisava as práticas dos gestores de EJA em Irará, entrevistando educadores e educandos a partir de grupos focais. Eu estava presente em muitos desses espaços, colaborando com a pesquisa, mas, sobretudo, aprendendo e construindo muito conhecimento a partir das experiências e percepções dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Foi nesse espaço que percebi que, anos mais tarde, eu adentraria a licenciatura em História com o objetivo de tratar historicamente dessa modalidade. E assim aconteceu.

Em 2019, ingressei na universidade para cursar licenciatura em

História. Dois anos mais tarde, fui convidado pela Secretaria Municipal de Irará para assumir turmas durante o período pandêmico, ministrando aulas remotas. Foi então que tive minha primeira experiência na Educação de Jovens e Adultos, e a EJA definitivamente se entrelaçou com a minha vida. Passei a ser um educador de EJA e me apaixonei profundamente por essa modalidade e por lidar cotidianamente, na minha função de educador, com esses sujeitos educandos.

Em todas essas vivências, os escritos e os conhecimentos de Paulo Freire sempre me influenciaram, permitindo que eu construísse dentro de uma base teórica um processo de formação educativa freiriana. Desenvolvi um olhar sensível e humano para esses sujeitos, de modo que, juntos, pudéssemos construir saberes. Como o próprio Paulo Freire diz, “não há saber mais, não há saber menos, há saberes diferentes”. Esse entendimento nos ensina que não existe hierarquia entre os saberes; o conhecimento trazido pelo educador tem tanto significado quanto o trazido pelo educando. E é a partir desse ponto de partida que de fato é possível se constituir uma Educação coerente para os trabalhadores estudantes.

Em 2020, fundamos, em parceria com a professora Cristina, o Fórum de EJA da região de Irará, um espaço de movimento social no qual lutamos em defesa da Educação de Jovens e Adultos. Já que sem as devidas movimentações de lutas pelos direitos dos trabalhadores não seria possível o reconhecimento da Educação como um direito humano e fundamental de todos, em que passou a ser preconizado assim desde a promulgação da constituição federal de 1988, também conhecida como constituição cidadã, justamente por dar legitimidade a democratização de direitos básicos.

Nesse sentido, depois de algum tempo em sala de aula, fui convidado para atuar como coordenador pedagógico em escolas que também ofertavam turmas de EJA, além de outras etapas e modalidades no diurno, e passei a observar o período noturno, que muitas vezes era marginalizado e que não recebia a devida atenção. Entretanto, devido a minha formação e trajetória a EJA era acompanhada de forma presente e no sentido de respeitar e acolher as especificidades dos seus sujeitos.

Posteriormente, tornei-me coordenador pedagógico da Educação de Jovens e Adultos da rede, na área de humanas, trabalhando com os educadores de História e Geografia. Levei essa concepção também para o trabalho com os professores dessa área tão importante, talvez uma

das mais cruciais no processo de fazer com que os educandos se reconheçam como sujeitos históricos e de direito, e que, portanto, precisam lutar por esses direitos, entendendo a sua realidade com o objetivo de transformá-la, pois como afirma Pinheiro (2023) acerca dessa importante função da educação e, por consequência da escola:

A escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma as pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. (p.147)

Atualmente, sou supervisor da Educação de Jovens e Adultos. Mesmo com a pouca idade, assumi essa grande responsabilidade, fruto dessa trajetória que tive desde o período anterior ao meu trabalho efetivo com a modalidade. Tenho como referências a professora Cristina, a professora Marlene, a professora Milena, a professora Joana, a professora Débora e a minha mãe, que são educadoras que me inspiram cotidianamente para que eu continue nesse processo, hoje, liderando um grupo que conduz a Educação de Jovens e Adultos em Irará, em parceria com gestores, professores e, sobretudo, com os educandos.

Assumi esse trabalho de supervisão carregando comigo, mesmo que de forma invisível, às vezes, os meus educandos(as), que são sujeitos cujas histórias são marcadas por sofrimentos, negações e desigualdades, mas que têm conhecimentos incríveis, construídos ao longo da vida, e que precisam ser respeitados. A partir da educação, desse processo formativo, eles podem, juntamente conosco, transformar essa sociedade para que possamos ter uma sociedade mais justa, mais igualitária e livre de preconceitos, racismo e desigualdades, sejam elas de qualquer forma. Seguiremos em frente, tendo como base o pensamento freiriano e de tantos outros que, nas várias áreas do conhecimento, com consciência científica e sensível, contribuem significativamente para o nosso fazer educativo.

Dessarte, finalizo com mais um frase de Paulo Freire que sem dúvida nos conduz sem exitar a luta pela EJA e pela sociedade que queremos: “A Educação é um ato de amor e de coragem”, portanto, mesmo com toda o politização e luta que permeia a Educação pública e o nosso lugar de militantes “não se pode falar de educação sem amor”, até porque,

somos, sobretudo, seres que possuem potencialmente uma dimensão subjetiva e é, sem dúvidas o AMOR que nos move e conduz indubitavelmente a TRANSFORMAÇÃO.

MILENA DE JESUS

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.” (Paulo Freire)

Partindo dessa reflexão, compreendemos que o aprendizado é um processo contínuo. Como nos ensinou Paulo Freire, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.” Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos significa tomar Freire como referência e inspiração.

Minha jornada na Educação de Jovens e Adultos começou quando minha mãe passou a trabalhar no programa Brasil Alfabetizado. Eu a acompanhava à escola, aguardando e ajudando quando necessário. Essa experiência me mostrou que os educandos traziam consigo vastos conhecimentos, além de um genuíno interesse em aprender e ajudar os colegas. Foi a união dessa turma que mais me chamou a atenção e despertou em mim o desejo de seguir na educação.

Ao cursar Licenciatura em Ciências Biológicas e iniciar minha carreira docente nos anos finais e na EJA, fui profundamente cativada por essa modalidade. A convivência com jovens e adultos, e as histórias de vida inspiradoras que compartilhavam, me proporcionaram um aprendizado constante.

Em 2022, fui convidada a coordenar a área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos. Essa oportunidade tem sido extremamente enriquecedora, permitindo-me vivenciar novas experiências que me motivam a buscar mais conhecimento para aprimorar minha prática educadora.

Sou profundamente grata aos educandos da EJA, ao Fórum de Irará e região, a Cristina Ferreira da Silva, carinhosamente conhecida como “Dona EJA”, e a José Mário Júnior, por sua inspiração, incentivo e pelas valiosas trocas de conhecimento. Juntos, estamos sempre em busca de novas formas de melhorar o aprendizado dos nossos educandos. Ensinar é, antes de tudo, “um ato de amor.” Assim como nos lembra Paulo Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

EVANILDO CERQUEIRA DAMASCENO

“Ser professor é uma escolha que faço todos os dias ao entrar na sala de aula.” Talvez, no início da carreira, pudesse até pensar que apenas ensinaria, mas na verdade aprendemos muito mais. Todo dia é um aprendizado. A troca entre professor e aluno é o aspecto mais desafiador, mais bonito da profissão e o que mais traz retorno. Algumas pessoas nascem com o dom, e, felizmente, ele me escolheu para a educação. Amo o que faço e executo meu trabalho com toda dedicação e maestria. Ser professor nos coloca em várias situações e experiências enriquecedoras.

Lecionando no Fundamental II, sempre me dediquei ao máximo, mas foi a experiência de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que me enriqueceu, engrandeceu e me desenvolveu ainda mais a cada dia. A EJA é um espaço educativo diferenciado pelas particularidades de seus alunos, uma realidade em que se torna imprescindível a utilização de modelos de ensino atualizados em diversas contextualizações, bem como a aplicação de métodos pedagógicos renovados, adaptados a práticas distintas e efetivas, levando em conta suas reais considerações.

Acredito que a EJA representa um momento pedagógico de significativa representatividade social, sendo uma oportunidade única de aprendizado por meio das inter-relações heterogêneas estabelecidas entre todos os seus participantes. Ela possibilita a cada educando um espaço democrático de conhecimento e um apoio de vivências possíveis, frente às conturbadas discriminações sociais, com o objetivo de construir um projeto de sociedade menos desigual. Hoje, posso afirmar que, na EJA, é necessário se identificar e ensinar por amor e prazer.

ANA MARIA PEREIRA CERQUEIRA

Sempre soube que ser professora era o meu destino,
Em 1990, iniciei meu caminho,
Na Escola São Cristovão, lá comecei,
De lá vim, e nunca mais parei.

Com a enfermidade de meu pai, fui transferida,
Para a Escola Amaro Bispo, em sua vida envolvida,
Na Escola Herculano Braz, fiquei perto do meu pai,
Continuar a ensinar, minha missão não sai.

Promovida a diretora, na Maria Inês me dediquei,
E na EJA, um novo rumo abracei,
Não parei, na Escola Alzira fui dirigir,
E na Educação Infantil comecei a investir.

Cursei Pedagogia, sempre a evoluir,
Voltei à sala de aula, voltei a sentir,
Na Alzira, Santa Bárbara e Balbino Félix, sem parar,
Com a EJA, um novo ensino a implementar.

Busquei inovar, transformar o tradicional,
No construtivismo, encontrei o essencial,
Tornei a educação ativa, vibrante,
Para alunos com vidas árduas e desafiantes.

Concepções de querer, de não desistir,
Me levaram a aprender e a evoluir,
Cursos, graduações, pós-graduações sem fim,
Elevar a autoestima, isso também é para mim.

Assim é a EJA, nas Políticas Públicas a brilhar,
Valorizando o ser, fazendo crescer, lutar,
Anos de esforço, de dedicação sem igual,
Fazendo da educação um ato essencial.

ADRIANA DE JESUS

Eu na EJA, a EJA em Mim.

Eu nunca pensei que minha vida seguiria os caminhos que seguiu, mas a verdade é que a vida sempre nos surpreende, traçando destinos que nunca imaginamos. Eu tinha apenas quatorze anos quando a vida resolveu traçar caminhos diferentes daqueles que eu sonhava, queria ser médica, professora, veterinária... Mas, eu, moradora da periferia, menina de sorriso introspectivo, também fui marcada pelo determinismo social que atravessa muitas adolescentes da minha idade. E, como tantas, fui surpreendida por uma gravidez inesperada. Eu cria fielmente naquilo que meu namorado dizia: “Depois da relação é só fazer xixi que não fica grávida”. Era uma garantia de Deus pra mim!

E o futuro, que antes já não era um mar de possibilidades, se tornou uma montanha de responsabilidades que parecia intransponível.

— E agora??

— O que vamos fazer??

— Calma, acho que ainda tá em tempo de descer.

Era tudo que eu precisava ouvir para acalmar o meu coração ingênuo de adolescente.

Primeiro mês, segundo mês, terceiro mês. A barriguinha já começava a ficar saliente, comecei a esconder meus absorventes e a vestir blusas mais folgas, esperando o milagre e evitando a vergonha de ter que contar para minha mãe. Por mais que eu pensava em mil maneiras de como falar. Todas a decepcionava e machucava profundamente. O fato é que chegava o quarto mês e não havia um só eufemismo que fizesse aquela vergonha passar, que suavizasse a dor de ter que dizer à minha mãe que eu estava grávida, que eu tinha seguido os mesmos passos da maioria das meninas da minha idade que moravam no meu bairro. Eu fracasei!! E o pior... Fi-la fracassar na promessa que havia feito ao meu pai no seu leito de morte de criar bem e proteger as suas três filhas que ele não conseguiria criar. Isso doía no mais profundo de mim e me devastava.

Cresci em uma periferia onde as oportunidades eram escassas, onde ser mulher, negra e pobre significava enfrentar lutas diárias para ser vista, ouvida e respeitada. Minha mãe sempre dizia que a educação era o único caminho para escapar das armadilhas que a vida nos preparava.

E agora? Perguntava pro meu namorado e veio dele a frase: E se você fizer um aborto sem ninguém saber? Eu posso comprar o “remédio”.

Logo eu que sempre me achei madura e inteligente!?

O medo que senti naquele momento me consumiu por completo. Como eu, uma menina, contaria para minha mãe que estava carregando uma criança? A vergonha me queimava por dentro, e o pavor da sua reação me paralisava. Pensei em todas as possibilidades, e o aborto me pareceu uma saída possível, rápida e silenciosa. Mas o medo de morrer, de não sobreviver a uma decisão tão radical, foi maior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Então, decidi enfrentar a situação e seguir em frente, mesmo sem saber o que o futuro me reservava.

Minha mãe foi categórica. Você não vai parar de estudar!! Vou te transferir para o turno da noite. Você vai estudar na EJA. Aquilo era um castigo, só podia ser. Aos poucos tudo que eu sonhava começou a parecer distante demais junto com os sonhos que eu tinha de ser alguém. Tudo foi ficando para trás, enquanto minha barriga crescia e eu me preparava para um mundo novo, incerto e assustador. Os olhares de reprovação da vizinhança me cortavam como lâminas, e eu sentia na pele o peso de ser julgada, de ser rotulada. Mas a vida continuava, e eu, mesmo jovem e despreparada, me tornava mãe. E em meio a todos esses medos e frustrações que começaram os longos anos de batalhas diárias, de dificuldades e de noites sem dormir. Mas também foram anos em que aprendi o valor da resiliência, da força que vem de dentro, da necessidade de lutar para construir um futuro melhor para mim e para minha filha. E na EJA, Educação de Jovens e Adultos, descobri histórias iguais à minha e com pessoas que estavam recomeçando, assim como eu precisaria recomeçar. Na EJA, eu não encontrei apenas uma sala de aula. Encontrei mulheres como eu, que carregavam suas próprias histórias de luta e superação. Encontrei professores que enxergavam além das aparências, que acreditavam no meu potencial e que me incentivavam a não desistir. A EJA se tornou, para mim, um espaço de reencontro comigo mesma, com meus sonhos, com a mulher que eu queria ser.

Cada aula, cada lição aprendida era como uma pequena vitória, era minha autoestima voltando. A educação se tornou minha aliada, minha arma para enfrentar o mundo, para mostrar a todos que eu podia, sim, ser alguém, como minha mãe sempre orientou a mim e a minhas irmãs. E, mais do que isso, a EJA me deu a chance de reescrever minha história, de transformar minha vida e a vida do minha filha. Eu não seria mais uma jovem do meu bairro que engravidou muito cedo, largou os estudos e teve mais meia dúzia de filhos. Estava decretado!! Comigo não, violão!!

Abracei o peso da realidade, mas a EJA era minha tábua de salvação, era como uma luz no fim daquele túnel. A Educação de Jovens e Adultos, que muitos enxergam como uma segunda chance, para mim foi a única. Um caminho que ressignificou minha trajetória, que transformou o “não deu” em “ainda dá tempo”. Na EJA, encontrei mais do que alfabetização; encontrei acolhimento, respeito e a possibilidade de reconstruir minha vida.

Primeiro, assim que concluí o ensino fundamental, prestei concurso público e tornei-me merendeira numa escola que atendia Eja e segui para o Ensino Médio. Era um trabalho simples, mas que carregava em si a dignidade de quem luta por uma vida melhor. E enquanto eu alimentava os corpos dos estudantes, alimentava em mim o desejo de seguir adiante. O cheiro de feijão e arroz nas panelas se misturava com o cheiro dos livros que eu levava para a cantina para nas horas vagas estudar, fazer pesquisas, trabalhos...eu sabia que a cozinha não era o meu destino final, mas um ponto de partida.

Não demorou para que a vontade de aprender me levasse além. Tornei-me aluna novamente, e, aos poucos, os sonhos que eu julgava perdidos começaram a florescer. Eu queria mais. Queria ensinar. Prestei vestibular e passei para o curso de Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Feira de Santana. Outra barreira que consegui superar. Concluí, prestei concurso público mais uma vez, agora aprovada como professora da Educação básica no Município de Irará e como pude escolher a Unidade Escolar que gostaria de ensinar, não titubeei. EJA, EJA, EJA, gritava meu coração. Lá encontrarei outras Adrianas e poderei a ajuda-las como um dia fui ajudada, incentivada, acolhida. Ensinei jovens, adultos, mães como eu, todos carregando suas próprias histórias

de luta e superação. Cada aula era um encontro de esperanças, uma troca de experiências que fortalecia não apenas o aprendizado acadêmico, mas também a autoestima de cada um de nós.

A vida na EJA seguia em frente, e eu com ela. A experiência e o respeito que conquisei me levaram a ser vice-diretora. Eu, que um dia precisei da mão estendida daquela modalidade, agora estendia a minha. Lembrei-me da menina grávida que um dia fui e percebi que, de certa forma, ela ainda estava ali, agora guiando os passos de tantos outros que precisavam de uma nova chance.

O tempo passou, e o que era sonho tornou-se realidade. A EJA, que um dia foi o meu refúgio, se tornou meu campo de batalha e vitória. Coordenadora, eu luto por políticas mais inclusivas, por um ensino que respeite a história e a dignidade de cada aluno. Minha experiência pessoal me deu a sensibilidade necessária para entender as dores e os anseios de cada estudante. Eu não era apenas uma gestora; era alguém que conhecia de perto a importância daqueles espaços formais e informais que nutrem, todas as noites, a esperança de cada jovem, adulto ou idoso que adentra uma sala de aula da Educação de Jovens e adultos.

E assim, o ciclo continuou. Hoje, como pesquisadora, busco entender e aprimorar ainda mais esse espaço que me deu tanto. A EJA não é apenas uma etapa da vida; ela é uma filosofia, um ato de resistência e um grito de liberdade para tantos que, como eu, tiveram suas trajetórias interrompidas, mas nunca desistiram. O grande mestre Paulo Freire, a quem tenho uma profunda admiração, por sua luta pelos excluídos, pelos silenciados, acreditava na educação como um processo de libertação e transformação social. Ele nos ensina que a educação deve ser um ato de amor e coragem, capaz de conscientizar os indivíduos sobre sua realidade e capacitá-los a transformá-la. Valoriza o saber popular e o contexto de vida dos educandos. Essa é a filosofia que me inspira a criar um ambiente de aprendizagem onde o conhecimento é construído coletivamente, respeitando as vivências e experiências dos estudantes. Ao seguir os princípios freirianos, busco não apenas transmitir conteúdos, mas promover uma educação emancipatória, que desperte a criticidade e o protagonismo dos alunos, permitindo-lhes não só entender o mundo, mas também agir sobre ele para transformá-lo.

A EJA está em mim tanto quanto eu estou nela. Somos indissociáveis. Ela me formou, e eu, através dela, continuo formando e transfor-

mando vidas. É um ciclo eterno de aprendizado e amor pela educação. Hoje, quando olho para trás, vejo que a decisão de continuar, de enfrentar meus medos, foi a mais importante que tomei. A EJA não apenas me deu educação; ela me deu voz, me deu esperança, me deu a certeza de que, independentemente de onde eu vim, posso alcançar qualquer lugar. Eu na EJA, a EJA em mim – essa é a história da minha vida, da minha luta e da minha vitória.

Continua....

MARÍLIA DE SOUZA PEREIRA

De educanda a Educadora: Um Caminho em Construção
Vou contar-lhes uma história, prestem muita atenção,
É de minha trajetória em meio à educação.
Nessa narrativa há, uma profissional a se mostrar,
Mesmo ainda em construção.
Marília é o meu nome, a escola é o cenário,
A educação é o palco, e o enredo é hilário.

Para início de conversa, vou contar,
Bem devagar, sem apressar,
Os profissionais marcantes,
Que fizeram dessa estudante
A licenciatura almejar,
Cada um com sua história, agora vou revelar.

Na Escolinha Betel, com muita animação,
Tinha uma estrela que era pura inspiração.
Urânia, com seu nome e jeito inusitado,
Fazia das lições um verdadeiro espetáculo.

Quando cheguei ao São Judas, a coisa esquentou,
Andiara trouxe música, mas a classe reprovou.
No auge da maioridade, contendo apenas 10 anos na idade,
A galerinha achava a música, pura infantilidade.
Gilma, com sua voz potente, fez todo mundo tremer,
Mas os cálculos, ao fim, todo mundo aprender.

Enquanto Mel, com carinho, a religião valorizou,
Reneide, em suas turmas, a puberdade apresentou.
E quem diria no passado, com sua dedicação,

Que seu recurso didático seria uma vela de cunhão?
Inovador e engraçado, trouxe alegria ao aprendizado,
Para toda uma geração.

No Joaquim Inácio, o ensino ganhou outra dimensão,
Janira e seus sapatos novos chamaram logo a atenção.
Com aulas variadas, sempre bem planejadas,
Fez a aprendizagem de história permanecer na memória,
Ao seu trabalho competente, fico muito contente,
Por incentivar a classe a sempre seguir em frente.

Esse foi o mostruário do caminho que trilhei,
Os mestres que citei foram os que admirei.
Cada um deles, com paixão e dedicação,
Fez nascer em mim a clara noção
Das diversas facetas que tem a educação,
E como esta influência na vida do cidadão.

Hoje vendo do outro lado
Me pego meio intrigada
Como profissional em formação
Me pergunto qual ação
Faria de minha profissão
Algo a ser desejado.

Anos de universidade foram só o alicerce,
Para que na sala de aula o desafio conhecesse.
Atuando em 2021, num modelo incomum,
Fruto de uma pandemia, da qual certeza nenhuma se tinha.
Eu me vi de mãos atadas, com aulas adaptadas,
Através da internet, foram sempre abordadas.

2022 foi um ano de bastante comoção,
Com rostos presos a máscaras, voltamos à programação.
O desafio foi adaptar o conteúdo à situação,
Muita coisa não foram vistas, outras em pouca dimensão.

Enfrentamos barreiras com esforço e dedicação,
Para que a aprendizagem siga, apesar da oscilação.

Chegando às turmas da EJA,
Depois de toda essa peleja,
A professora apenas deseja,
Que cada um de seus alunos seja
Sujeito da sua própria história,
Daqueles que, com seus saberes,
Valoriza suas memórias.

Vale ressaltar, o que a modalidade abordará,
Não adianta pensar, que frequentou já vai passar.
Na EJA, o ensino é pra valer,
Pra quem aos quinze anos já viu o tempo correr.
De longe ou de perto, a escola é solução,
Pra quem ainda busca concluir sua formação.

A EJA não é do governo, é do povo, na ação,
Espalhada na sociedade, feita de participação.
Os alunos são trabalhadores, de várias ocupações,
Chegam à escola com sonhos e preocupações.
O educador precisa entender essa realidade,
Para transformar vidas com força e dignidade.

Cada aluno tem um rosto, uma história pra contar,
E o educador precisa isso valorizar.
Não é só ensinar a ler e a escrever, mas é ajudar o aluno a se considerar.
Que o currículo da EJA tenha essa missão,
De formar professores com alma e coração.

A formação de quem ensina, sempre em construção,
Por isso me coloco nessas rimas como sempre em formação
A qual precisa ser contínua, sem pausa ou hesitação.
O professor da EJA é forjado na lida,
Com a história do aluno, sua vida vivida.
É preciso inventar, criar um novo perfil,
Para educar com alma e não só com o que já viu.

MARILENE GODINHO SANTIAGO MOREIRA

Iniciei minhas experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em 2010, durante o programa Brasil Alfabetizado, logo após concluir o curso de magistério. Fui convidada pelas professoras Fabiana e Cristina (conhecida como “dona EJA”), uma profissional de excelência que me ofereceu todo o suporte necessário. O programa Brasil Alfabetizado foi breve, mas deixou muitas saudades.

Com o tempo, surgiu a oportunidade de retornar ao ensino nessa modalidade, e desde então, tenho me apaixonado cada vez mais por esse trabalho. A EJA é uma modalidade que, além de proporcionar aprendizado aos alunos, tem sido uma fonte constante de crescimento pessoal e profissional para mim.

Tenho muito orgulho da minha trajetória na EJA, especialmente por ter ensinado membros da minha própria família, como tios, primos e até meus pais, dentro da minha comunidade. Realizei sonhos de muitos alunos, como o de conseguir a carteira de identidade assinando seu próprio nome completo.

Ver alunos que, inicialmente, não sabiam nem escrever o próprio nome alcançando novas conquistas em sua alfabetização é uma experiência extremamente gratificante. Isso demonstra o impacto positivo de uma educação adaptada às suas necessidades. EJA é vida! Viva a EJA!

Hoje, posso dizer que sou grata a Deus por me permitir essas oportunidades e a todos os coordenadores de excelência que ajudam a planejar e implementar estratégias com diversas atividades para o crescimento dos nossos alunos da EJA.

IRISLENE CARVALHO

A educação sempre esteve presente em minha caminhada profissional. Apesar de me afastar da área por um período, retornei para trabalhar em uma escola e desde então permaneço na Educação até os dias atuais. Tudo começou em 1996, quando realizei um estágio obrigatório na Escola Joaquim Inácio de Carvalho, à noite. Naquela época, não se falava em Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas já sabíamos que os estudantes do noturno eram jovens trabalhadores(as). A maioria deles apresentava defasagem idade/série, o que tornava o desafio de assumir uma turma no período noturno ainda maior para mim. Contudo, consegui seguir até o final. Nesse período, durante o Ensino Médio, conheci um pouco das obras de Paulo Freire, o que foi significativo para a minha formação.

No ano seguinte, sem estar empregada, criei a expectativa de passar em um concurso público e, assim, alcançar minha independência financeira, já que dependia dos meus pais, que eram agricultores. Essa era a expectativa de muitos jovens na época. Mudei-me para Salvador e enfrentei muitas dificuldades para acessar o mercado de trabalho. Para uma mulher negra, vinda do interior e sem experiência profissional, as coisas se tornavam ainda mais difíceis. Durante essa caminhada, uma vizinha do lugar onde fui morar soube que eu tinha formação em magistério e me convidou para trabalhar dando aulas em uma escolinha que ela havia montado em casa. Diante da necessidade de me sustentar, aceitei o desafio de alfabetizar crianças do bairro. Algumas delas aprenderam a ler com meus ensinamentos. Naquele momento, os recursos eram escassos, mas eu via a vontade dos alunos em aprender e a alegria deles por estarem naquele espaço que, mesmo improvisado, permitia o primeiro contato com a escola. Depois de um tempo, a dona da escolinha reassumiu as turmas e eu voltei para Irará.

Com esse retorno, fui convidada a assumir uma turma de Educação Infantil na Escola Paraíso da Criança, na Comunidade da Boa Vista, porém, esse contrato foi de curta duração. Logo depois, por motivos

personais, me afastei novamente da Educação, voltei para a capital e fui atuar em outra área. Em 2009, ao retornar para minha terra, voltei à sala de aula para substituir uma professora de uma turma de 3º ano, que se afastou por cinco meses. Logo depois, assumi a secretaria da EFAMI, onde passei 10 anos trabalhando como secretária escolar, professora voluntária e coordenadora pedagógica. Na EFA, é impossível não falar de Paulo Freire; a pedagogia da Alternância e a pedagogia de Paulo Freire compartilham um olhar sensível para o aprendizado e a necessidade de relacionar a Educação com a realidade dos educandos. A partir daí, passei por muitos aprendizados, formações e discussões e, em meio a tudo isso, o inesperado aconteceu: meu ingresso em uma Universidade Pública no curso de Educação do Campo, que trazia Paulo Freire como uma de suas principais referências.

Seguindo nessa trajetória, em 2022, retornei à sala de aula e assumi turmas de Educação de Jovens e Adultos. Essa experiência me remeteu ao passado, quando tudo começou, e percebi que muita coisa mudou: novas metodologias, perspectivas, e um novo olhar para os sujeitos da EJA, além de uma nova forma de se relacionar com esses educandos, com uma escuta sensível. Destaco muitos avanços. A partir daí, pude perceber o quão importante é essa modalidade de ensino e a contribuição incrível e transformadora que podemos proporcionar a esses estudantes. Eles são muito gratos pela oportunidade de trazer suas vivências para as aulas e contribuir para a construção do conhecimento. A aprendizagem na EJA acontece a partir dessa relação de troca de saberes, que é fundamental para o desenvolvimento de todos os envolvidos.

CRISTINA FERREIRA DA SILVA

Escrever sobre minhas vivências desperta emoções intensas, trazendo à tona memórias de momentos marcantes e desafios enfrentados. Reviver essas experiências, que me formaram como pessoa, enriquece meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Refletir sobre quem sou envolve recordar minhas lutas, origens e motivações. Pergunto-me: o que fiz e faço como professora e coordenadora de Educação Básica? Como encaro a gestão na Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma modalidade muitas vezes esquecida e marginalizada?

Sou Cristina Ferreira da Silva, nasci em Irará, Bahia, filha de Pedro Henrique, mineiro e padeiro, e Marina Ferreira, negra baiana e merendeira escolar. Cresci em uma família de nove filhos, sendo a primeira a passar em um concurso público, exercer a docência, concluir o curso superior em Pedagogia e ingressar em um Mestrado. Minha trajetória é marcada pela superação de obstáculos e pelo desejo constante de contribuir para a Educação de Jovens e Adultos.

Minha ligação com a EJA começou quando fui estudante do ensino noturno a partir da 7ª série. Estudar à noite, após um dia exaustivo de trabalho como balconista, era desafiador, mas necessário. Na sala de aula, presenciei colegas, pais de família, lutando contra o cansaço e o sono após um dia de trabalho árduo. Essa experiência contribui com a minha compreensão da realidade dos educandos da EJA e despertou em mim o desejo de promover uma educação mais acolhedora e humana.

Como professora e coordenadora na Rede Municipal de Ensino, percebi a necessidade de uma gestão escolar mais sensível às necessidades dos sujeitos da EJA. Assim, essa inquietação me levou a buscar maior qualificação e a participar ativamente de espaços de formação e discussão, como o Fórum EJA Bahia. Minha atuação como coordenadora pedagógica e gestora em diferentes contextos da EJA foi fundamental para compreender as necessidades dos educandos e promover práticas educacionais mais democráticas e inclusivas.

Durante minha formação continuada, cursei especializações que ampliaram meu entendimento sobre os desafios da EJA e a necessidade de atender à diversidade dos sujeitos. Essa trajetória culminou na busca por um Mestrado, onde aprofundi meus estudos sobre gestão educacional e práticas pedagógicas na EJA, sempre visando uma educação transformadora, conforme os ideais de Paulo Freire.

Minha trajetória é também de militância. Junto a outros educadores, fundamos o Fórum EJA da Região de Igarapé, um espaço de luta e formação contínua. Atuamos para dar visibilidade à EJA e assegurar que os direitos dos educandos sejam respeitados. Além disso, contribuimos para a elaboração de um currículo que atende às necessidades dos educandos da EJA, garantindo-lhes um lugar de protagonismo nas discussões educacionais.

Continuo minha jornada acadêmica com o objetivo de aprofundar minhas pesquisas e contribuir para a produção de conhecimento na EJA, sempre com o compromisso de transformar a realidade educacional e social de nossos educandos. Minha história é uma trajetória de luta, aprendizado e resistência, e sigo adiante com o sonho de ser a primeira da minha família a alcançar o título de doutora, abrindo caminho para que outros também se tornem protagonistas na construção do conhecimento científico.

DANIELA BISPO DE JESUS

A minha caminhada em um espaço de conquistas e desafios.

Há algum tempo estou na sala de aula enfrentando momentos desafiadores, mas também gratificantes. Os pulos de felicidade resumem a minha trajetória na educação, e aqui faço um breve relato da minha história.

Confesso que, no início, não imaginava me tornar professora, mas hoje é a profissão que eu não troco por nenhuma outra, apesar dos percalços e tantas mudanças desde que comecei a lecionar. Ser professora não estava nos meus planos, mas era o sonho da minha amada mãe, que hoje infelizmente não está mais entre nós. Com seu jeito doce, carinhoso e simples, ela me convenceu, durante nossos bate-papos, a seguir essa carreira. A minha primeira escolha, que pensei ser o meu sonho profissional, guardo na memória não como um desejo, mas sim porque nossas histórias são feitas de lembranças, mudanças, significados, pontos de partida e um destino.

Desde o Ensino Médio, comecei a praticar na sala de aula. Sempre que minha amiga precisava de apoio, ela me passava o plano de aula, e eu o colocava em prática em seu lugar. Gostava do momento, pois aquelas crianças me olhavam com respeito e atenção, o que me cativou. Eu era responsável por aqueles pequenos e por uma parte de seu futuro.

Quando comecei, de fato, minha prática em sala de aula, estava certa de que havia feito a escolha da minha vida, a escolha correta. Sou professora, e as oportunidades chegaram até mim, e agarrei cada uma delas. O compromisso, a responsabilidade e o desejo de ensinar me impulsionavam.

Tenho a oportunidade de ensinar jovens e adultos, e até hoje algumas mulheres idosas (cheias de vigor e ânimo) passam por mim, trazendo consigo uma memória afetiva repleta de experiências e saberes de uma vida significativa.

Ao iniciar minha docência na modalidade EJA, recordo que minha prática pedagógica envolvia uma turma composta por jovens, adultos e

idosos. Para mim, é um prazer ser professora de idosos, onde a discussão acontece de forma tímida, mas conseguimos compreender o processo. A prática no ensino básico contribuiu de certa forma. Percebo um avanço satisfatório nessa modalidade; conhecer a identidade dos alunos faz com que o planejamento pedagógico se movimente, trazendo a realidade dos estudantes para os conteúdos programáticos. Eu, como professora, valorizo os saberes desse público.

Na minha trajetória, presenciei mulheres de 80 a 90 anos fazendo matrículas, adultos dedicados a aprender a ler, pessoas com dificuldades de aprendizagem, onde a memorização é o maior desafio, e jovens não alfabetizados que conseguiram avançar e começar a ler entre o 1º e o 2º ciclo.

Mesmo com todos os desafios, meu papel é buscar meios para lidar com eles e mostrar, por meio das situações, a potencialidade e o valor de cada um. O compromisso, o respeito, o amor por cada estudante e pela minha profissão me fazem ser uma professora que se alegra, mas que também chora no processo. Quando o resultado é satisfatório, a caminhada se enche de gratidão.

Costumo dizer que, ao entrar em uma sala de aula com estudantes da Educação de Jovens e Adultos, eu também me torno aluna e aprendo com eles. E como aprendo com minhas estrelas da noite! O espaço formal é apenas uma parte que se completa com a identidade e os saberes desse público, cujas histórias, aprendidas muitas vezes com dificuldades, os tornam únicos.

Termino a minha mensagem agradecendo a Deus, à minha mãe, que persistiu e acreditou em mim e em seus sonhos, à minha filha e a cada estrela que pude conhecer, criando laços de amizade e responsabilidade no ambiente escolar, e também a todos nós, professores, que fazem de sua caminhada um meio de realizar sonhos constantes.

SOBRE OS AUTORES



Jailton Ferreira Cerqueira

Professor da EJA da rede municipal de Ipirá. Formação em Desenho de Moda pela Faculdade Paulista de Artes, Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. cursando Letras em Inglês pela Uniasselvi.



Tatiane Silva de Oliveira

Mulher preta, mãe, pedagoga, professora atuante no município de Ipirá, no fundamental I e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Fiz também o curso de educação escolar quilombola (URFB), e atualmente estou fazendo a pós-graduação em Neuropsicopedagogia clínica institucional.



Josenilda Pereira de Souza

Sou licenciada em Pedagogia pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Participei do Programa de Aperfeiçoamento para Professores do 1º e 2º Ano, promovido pelo Instituto Anísio Teixeira e pela Universidade Católica do Salvador. Concluí formações em Educação Ambiental pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Irará e em BNCC na Educação Infantil (30 horas) pelo AVA-MEC. Também possuo formação técnica em Enfermagem.



Osana de Jesus Dias

Estudante de Pedagogia. Professora da rede Municipal de Irará.



Jovelita Bittencourt

Formação em Magistério e Licenciada em Pedagogia, professora da EJA do município de IRARA. Membro do Fórum de EJA da Região de IRA-RA-BA



Valdelino Felix Santana

Formado em magistério, professor da EJA no município e licenciado em Educação Escolar Quilombola com habilitação em Pedagogia - UFRB.



Ligia da Silva de Almeida

Estudante de Pedagogia. Ensino na instituição E. M. S. B anexo na Serra do Urubu.



Katy Cerqueira de Andrade

Licenciada em Pedagogia, especialista em Educação Infantil e Educação Inclusiva. Professora da rede municipal de Iará com 31 anos de trajetória.



Sidilene da Silva dos Santos.

Licenciada em pedagogia. Pós graduada em Alfabetização e Letramento. Trabalho na escola Coronel Balbino Felix na rede municipal de ensino na modalidade EJA.



Edna Macedo Pacheco

Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Campos Portela. Graduada em Pedagogia pela UNEF.



Neidinalva de Almeida Santos.

Professora da rede municipal da cidade de Iará. Formada em Pedagogia, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Pós Graduada em Alfabetização e Letramento, na mesma Instituição.



Marta dos Santos França

Pedagoga. Professora da rede municipal de Iará.



Djane Pinheiro dos Santos.

Formada em pedagogia pela universidade UNIASSELVI. Atua na Escola Municipal Allan Kardec.



Manuela Pereira Damasceno Viterbo.

Pedagoga. Pós-graduação em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia. Professora da EJA.



Sou Luciana Suzart Santana, professora da rede municipal, atuando nas séries iniciais e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sou licenciada em Biologia e Pedagogia, com especializações em Ensino de Biologia, Alfabetização e Letramento, e Educação Especial.



Maria Vanise Cardoso Almeida

Professora da Educação de Jovens e Adultos, graduada em Pedagogia, membro do Fórum EJA da Região de Ipirá.



Ivania Ataíde dos Reis

Graduada em pedagogia, professora da EJA, na rede municipal de Irará.
Membro do Fórum EJA da Região de Irará- Bahia.



Elisângela Moreira da Silva, 40 anos, oriunda da Zona Rural, pais lavradores, servidora pública municipal na função de Agente Administrativo, graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola.



Maria Carolina da Anunção Nascimento.

Mulher preta, feminista, professora da Rede particular, Coordenadora da Área de Humanas na EJA do município de Iará, graduada em Geografia e Pedagogia.



Jailsa Gomes Cerqueira Vieira

Licenciada em Pedagogia pela FAEL. Professor da Rede Municipal de Iará.



Thaisy dos Santos de França

Graduada em Pedagogia e Letras Vernáculas, membro do Fórum de EJA da Região de Ipirá, Coordenadora Pedagógica de Linguagens da EJA.



Josenilda Moreira dos Santos

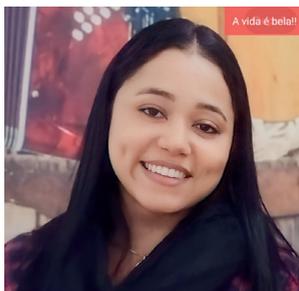
Mestra em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Especialista em Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e graduada no curso de Pedagogia na modalidade segunda licenciatura pela UNIFAEL. Como experiência profissional: Programa Brasil Alfabetizado no período de 2009 á 2011; professora da EFAMI (Escola Família Agrícola dos Municípios Integrados da Região de Ipirá) no período de 2014 á março de 2021, Assistente de Creche com carga horária de 20hr semanais na Creche Municipal Maria Pretinha, no município de Coração de Maria.

Atualmente professora da rede municipal de Irará básica do município de Irará- Ba. Militante do movimento quilombola do município de Irará. Atuo no fronte das questões Culturais, de Gênero, Raça, classe e na área de educação, com ênfase na área de ciências Humanas, Educação do Campo, Quilombola, Jovens e Adultos e Infantil. Fui Presidenta do conselho municipal de Cultura e atuei na comissão de análises das contrapartidas dos projetos fruto do edital Aldir Blanc municipal no ano de 2022. Coordenadora de desenvolvimento comunitário na Associação Quilombola dos Produtores Rurais da Tapera Melão, conselheira do conselho municipal de Direito da Mulher e membro do FUNDEB.



Maria Helena Paes Coelho da Silva Oliveira

Coordenadora Pedagógica de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, Rede Municipal de Ensino de Irará - Graduada em Pedagogia Séries Iniciais - Universidade Estadual de Feira de Santana. Especialização em Política do Planejamento: Currículo, Didática e Avaliação: UNEB-Campus XIII e em Deficiência Visual - Instituto Benjamin Constant. Professora de Atendimento Educacional Especializado - Instituto Anísio Teixeira – Feira de Santana.



Manoela Cerqueira de Brito Ferreira

Mestre em Educação e licenciada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Servidora pública efetiva da Rede Municipal de Educação de Irará. Fundadora do Comitê Construção Coletiva, espaço de discussão e formação política.



Jucélia Santos Sacramento

Professora na rede municipal de ensino de Irará/Ba. Trabalho na escola Ana Souza Carneiro na comunidade Quilombola Olaria. Licenciatura em pedagogia. Pós graduanda em Psicopedagogia. Curso em Educação Escolar Quilombola.



Maria Isabel Brito Luz

Mulher. Mãe. Iraraense. Filha de agricultores. Licenciada em História. Pós Graduada em Cultura Afro Brasileira. Mestranda em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) PPGEJA. Professora da Educação Básica rede de Ensino de Aramari. Professora da Rede Estadual. Coordenadora da Educação de Jovens e Adultos da Rede de Ensino de Irará. Membro do Fórum da EJA da Região de Irará – Ba.



Tamiles Alves Barreto, nascida e criada em Irará, Bahia, em 1987. É Professora/Pedagoga da Educação Básica da Rede Pública Municipal, com Especialização em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar. Atualmente é Gestora da Escola Municipal prof Maria de Lourdes Campos Portela, situada na Fazenda Várzea, zona Rural de Irará-Ba.



José Mário Bispo Gonçalves

O Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atua como membro da coordenação colegiada do Fórum EJA da Região de Irará, é diretor executivo do Movimento Cultural Viva Irará e docente na Escola Família Agrícola, lecionando História, Filosofia e Sociologia para o Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio Técnico Integrado. Também é Supervisor Educacional da EJA do município de Irará. Já atuou como Professor de História e Ensino Religioso na Rede Municipal de Irará (2021), foi Coordenador Pedagógico das escolas municipais Maria Bacelar e Coronel Balbino Félix (2022), o foi também Coordenador Pedagógico de Rede da EJA de Ciências Humanas do Tempo Formativo II (2023). Além disso, foi integrante do Programa de Iniciação à Docência no Centro Juvenil de Ciências e Cultura de Feira de Santana e também atuou como monitor da disciplina Laboratório de Seleção e Produção de Conteúdos para o Ensino de História II. Atua também na organização e promoção de eventos e atividades culturais, já organizou o Festival de Música Maria Felipa, o I Festival Literário de Irará, IV Feira Agroecológica e Solidária da Efami, entre outros. Foi intercambista do Programa Caminhos Amefricanos Sul-Sul, edição Moçambique. É um dos organizadores do livro: Coletânea de cartas: Uma conversa com(e para) Paulo Freire. Pesquisa, principalmente, com foco nos seguintes temas: Educação de Jovens e Adultos; História da Educação; História e Cultura Indígena, Afro-Brasileira e Africana.



Milena de Jesus

Mulher negra e quilombola, graduada em Ciências Biológicas. Especialista em metodologia do ensino de Ciências. Membro da coordenação colegiada do Fórum de EJA da Região de Iará. Professora da Rede Privada. Coordenadora Pedagógica da EJA do município de Iará.



Evanildo Cerqueira Damasceno

Licenciado em História.

Especialização em História da cultura afro-brasileira e Coordenação Pedagógica. Atualmente lecionando na rede Municipal de ensino de Iará.



Ana Maria Pereira Cerqueira

Mestre em Ciências da Educação (Universidad Interamericana). Doutoranda em Ciências da Educação (Universidad Interamericana). Licenciada em Pedagogia nas Séries Iniciais (Universidade Estadual de Feira de Santana). Aluna de Licenciatura em História (UNIASSELVI). Especialista em Educação de Jovens e Adultos (UCAM). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira (FINOM). Professora da rede municipal de Iará, BA.



Adriana de Jesus

Professora da Educação Básica e Ensino Médio da rede pública e privada do município de Iará. Formada em Letras Vernáculas pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), Especialista em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Mestranda em Estudos de Linguagens pela UNILAB, Membro dos grupos de pesquisa GEPELIS e PoDi, Membro do Fórum EJA da Região de Iará.



Marília de Souza Pereira, formada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana e bacharelada pela mesma instituição. Professora da rede municipal de Irará, já atuou como professora da Escola Familiar agrícola dos Municípios Integrados da Região de Irará.



Marilene Godinho Santiago Moreira

Tenho magistério. Pedagogia. Estou realizando a pós -Graduação Educação de Jovens e Adultos. -Graduação - Inclusiva e especial Premium.



Irislane Carvalho

Graduada em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza.



Professora Me Cristina Ferreira da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC/ UNEB). Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), 2018. Especialista em Gestão, Coordenação e Orientação Educacional pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia (FACCEB), Especialista em Educação de Jovens e Adultos com Necessidades Especiais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO) Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Irará. Atualmente exerce a função de Supervisora Educacional da EJA. Participante dos Grupos de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico (TSPPP/UNEB), Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Linguagem e Sociedade (GE-

PILIS/ UNILAB) e Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Diversidade (GEPED/UFRB). É membro da coordenação colegiada do Fórum EJA da Região de Irará-Bahia.



Daniela Bispo de Jesus

Licenciatura em Pedagogia. Pós Graduação Especialização em Psicopedagogia. Educação do Campo com Habilitação em ciências da Natureza. Curso de aperfeiçoamento Escolar Quilombola

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Escrevendo e denunciando o racismo**. São Paulo: Pallas, 2020.

Freire, Paulo. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. ***Como ser um educador antirracista***. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

E-book

ENTRE TRAJETÓRIAS E
"ESCREVIVÊNCIA":



Este livro foi composto no formato 17,0 x 24,0 cm, fonte
Minion Pro (texto principal e títulos), em novembro de 2024.



ISBN:978-65-88707-94-4



9 786588 707944

